

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

LIANE APARECIDA ROVERAN UCHÔGA

**O CORPO DA CRIANÇA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Campinas
2007

LIANE APARECIDA ROVERAN UCHÔGA

**O CORPO DA CRIANÇA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física.

**Orientadora:
Profa. Dra. Elaine Prodócimo**

Campinas
2007

LIANE APARECIDA ROVERAN UCHÔGA

O CORPO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em Educação Física defendido por Liane Aparecida Roveran Uchôga e aprovado pela Comissão julgadora em: 22/11/2007.

Prof^a. Dr^a. Elaine Prodócimo
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Helena Altmann
(Banca examinadora)

Prof^o. Dr^o. Lino Castellani Filho
(Responsável pela disciplina)

Campinas
2007

Dedicatória

A todos aqueles que se dedicam à arte de ensinar as crianças...

Agradecimentos

Pensar nos agradecimentos me fez recordar as pessoas que me ajudaram, direta e indiretamente, a estar aqui hoje, escrevendo estas palavras.

Muita destas pessoas se quer sabem que estou aqui, outras não fazem idéia de como ou quando me ajudaram, mas todas tiveram uma grande contribuição nesta caminhada.

*Diretamente tenho meus pais **Geraldo e Cristina**, que me ajudaram de tantas formas, embora não concordassem com a minha escolha, não sei se hoje eles já superaram isso, mas sei que sem eles eu não estaria aqui!*

*Meu companheiro de longa data **Fábio**, que tem participado da minha vida desde outubro de 2001, e com certeza foi a pessoa que mais me ajudou durante as horas de conflitos e tomada de decisões, que sempre acreditou na minha capacidade de ir além do que já havia conseguido, nos momentos que nem eu mesma acreditava... Te amo!*

*Indiretamente tenho alguns professores, **Cleidite** (6º série) que me ajudou a mudar de escola, pois no bairro que morava esta série só era oferecida período noturno, **Rozi** (8º série) foi uma grande incentivadora, não só minha, mas da turma toda, ela nos permitiu sonhar e acreditar que sonhos poderiam virar realidade.*

*Aos professores maravilhosos que tive na “Escola Técnica Estadual Polivalente de Americana”, muitos deles ex-alunos da Unicamp: **Iara** (Português), **Ângelo** (física) que se encheram de orgulho quando eu e alguns outros alunos voltamos para dizer que havíamos conseguido. **Elizete** (Inglês) que nos ajudou no projeto do Asilo “Vicente de Paula”, de certa forma foi lá que tive a certeza que queria trabalhar com pessoas, e quantas pessoas especiais conheci lá. **Marcelo** (biologia) contrariou o diretor e nos deu aulas extras de biologia, sem cobrar nada por isso... Quantas tardes que passamos ouvindo-o dizer que era possível estarmos aqui, obrigada! **Daniel**, finalmente um professor de educação física! Tentava nos levar uma aula diferente do “rola bola”, embora não fosse muito fácil fazer isso no ensino médio, hoje eu entendo-o...*

*Atualmente, claro que não poderia faltar minha querida orientadora **Elaine** que me ajudou muito, e continua ajudando, não só nas orientações acadêmicas, mas nas conversas, no amor contagiante com que faz as coisas, a maneira próxima e sorridente que sempre me ouviu, mesmo quando pela minha inexperiência falei e escrevi algumas bobagens... Enfim, muito obrigada!*

*Aos demais **professores da FEF** que ajudaram na minha formação: Jocimar, Edson, Mara Patrícia, Nana, Robertão, Gavião, Hermes, Vinicius, Helena por ter aceitado ser banca neste trabalho...*

***Patotas**, quantas risadas, alguns desentendimentos, mas sempre juntas dividindo desde o ócio na cantina, bolo trufado antes das aulas de anatomia, as poucas mais inesquecíveis viagens, até o estresse deste final de curso! **Aline, Tais, Cris e Júlia**... bem, ainda não consigo entender*

qual a razão da vida ter nos separado, mas não tem como ser patotas sem essas 4 pessoas, então hoje sinto que há um vazio na turma, é o seu lugar que ainda está ali, te esperando voltar!

***Galera 03 noturno:**, Lú, Andréia e Fabi que não estão mais aqui, Lula, Gi, Sales, Dani Márcio, Soraia alguns mais próximos, outros nem tanto, mas ainda sim 03 noturno... **Juliana (Jú)** demorou um pouco para nos aproximarmos, mas atualmente temos “viajado” juntas nas projeções do futuro... **Carol, Débora, Ana, Átila**, patoto e patotas por tabela.*

***Paulinha (piu-piu)** minha mãe e de todas as patotas, me ensinou algo que parecia impossível: nadar, não que hoje eu seja uma grande nadadora, mas já enfiou a cabeça na água!*

*Amigos dos tempos do “Mexa-se”! **Marina (Massara), Izael, Branco, Lú (04 N), Carol (04 N), Aline (Dina)** que apesar de ser da minha turma foi lá que nos aproximamos mais. Os meus ex-alunos: **Osvaldão, Conchita, Rutí, a galera do Bandex** que sempre guardavam um docinho para mim, pessoas maravilhosas com histórias incríveis que sempre demonstraram muito carinho e respeito.*

*A alguns amigos que mesmo distantes estiveram presentes: **Diego, Mariângela, Juliana, Rafaela, Janaína**, pessoas que sinto muitas saudades, mas sei que cada um está no caminho que sempre desejaram.*

*Aos meus “**aluninhos**” lindos do **CEMEI Christiano Osório**, (onde realizei meu estágio obrigatório de conclusão de curso) que me ensinam a cada aula a alegria de me descobrir criança novamente.*

*Finalmente a **Deus**, porque sem ele eu nem estaria aqui escrevendo estas palavras.*

Obrigada a todos por terem ajudado e sonhado junto comigo!

UCHÔGA, L. A. R. O corpo da criança na Educação Infantil. 2007.86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RESUMO

Este trabalho é resultado de um estudo etnográfico realizado em um Centro Municipal de Educação infantil (CEMEI), localizado na cidade de Campinas, a qual não possui professor de Educação Física atuando neste nível de ensino. Levando-se em conta que, de acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), o movimento e trabalho corporal devem compor a rotina deste ambiente e que não há especificação de que este seja feito pelo professor de Educação Física, ficando isto a critério de cada município, buscamos entender como os profissionais que não possuem formação em Educação Física, entendem o corpo/movimento da criança durante toda a rotina da Educação Infantil. O referencial utilizado foi o estudo de Foucault a respeito da disciplinarização dos corpos e construção das subjetividades em instituições disciplinares modernas. Durante quatro semanas observamos a rotina de uma sala que atendia crianças de 3,5 a 6 anos, além da realização de entrevista com a professora e coordenadora pedagógica da instituição. De acordo com o observado em campo e leitura do referencial teórico problematizamos os seguintes pontos: a maneira que o corpo da criança era tratado nos diferentes espaços do CEMEI, como era a organização destes espaços, quais as atitudes corporais exigidas das crianças pela professora de sala, o significado que a professora atribuía às brincadeiras proposta a elas. De acordo com Foucault e o observado em campo, podemos pensar que, o que somos e fazemos não está definido previamente, assim é possível problematizar nossa constituição como indivíduo. Desta forma ao assumirmos que as práticas escolares são produzidas socialmente, podemos afirmar que elas podem ser repensadas, reestruturadas, experimentando assim, outros modos de agir e pensar na educação infantil.

Palavras-Chaves: Poder disciplinar; Educação Infantil; Educação Física.

UCHÔGA, L.A. R. The Body of the children in the Early Childhood Education. 2007. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

ABSTRACT

This work is about an ethnographical research in an early childhood education locate at Campinas city, where is no physical education teacher working. In according with the RCNEI, the movement and body must have been worked in early childhood education, but it doesn't specificities if this work has to be done for physical education teachers. We observed what is the meaning of body and movement of the children to the teachers during the early childhood education routine. The observation was dialog through Foucault's studies about the disciplining of bodies inside modern institutions and constitution of people subjectivities. During four weeks we observed one class with children between 3 year and 6 months and 6 years old and interviewed the classroom teacher and scholar coordinator. In according with the observed and read of the theoretical referentially we detach some points: how the children body was seen in the different spaces of CEMEI and how it was organized; what bodily attitudes the teachers demanded from the children and what the context of the tricks made by the teachers. In according with Foucault and the field inquiry we can realize that what people are and do is not defined previously. Then, it is possible to question the constitution of ourselves. If we assume that scholar practices are sociality building, we can realize that it can be rethought and restructured, experimenting another form to act and teach in the early childhood education.

Keywords: Disciplinary Power; Early Childhood Education; Physical Education.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEMEI	Centro Municipal de educação infantil
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
EF	Educação Física
E.I	Educação Infantil
GII	Grupamento II
FEF	Faculdade de Educação Física
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PEF	Professora de Educação Física
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para educação infantil
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 UM ESTUDO COM “OLHAR” ETNOGRÁFICO	15
3 TRILHANDO OS CAMINHOS	18
3.1 A Constituição do universo pesquisado	20
4 INTERPRETANDO O (DES) CONHECIDO	23
4.1 A constituição dos espaços	24
4.2 A normalização dos espaços	31
4.3 A proposta de brincadeiras	38
4.3.1 Dividir para controlar	41
4.4 Atitudes corporais: uma questão de gênero ou de sexo	44
4.5 Corpo e escola	52
5 O FIM OU COMEÇO?	56
REFERENCIAS	59
APÊNDICE	61
Apêndice I	61
Apêndice II	83

O lugar de estudo era isso. Os alunos se imobilizavam nos bancos: cinco horas de suplício, uma crucificação. Certo dia, vi moscas na cara de um, roendo o canto do olho, entrando no olho. E o olho sem se mexer, como se o menino estivesse morto. Não há prisão pior que uma escola primária do interior. A imobilidade e a insensibilidade me aterram. Abandonei os cadernos e as auréolas, não deixei que as moscas me comessem. Assim, aos nove anos ainda não sabia ler.

(Infância: Graciliano Ramos, 1945, p.188)

1 Introdução

Pensar o corpo e movimento na educação infantil é ir além das aulas de educação física, já que de acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI, Brasil, 1998), o movimento deve estar presente na rotina destas instituições, porém não é especificado que haja um momento específico para que ele aconteça, nem tampouco que este trabalho seja do professor especialista (no caso educação física). Aliás, esta também é outra discussão que vem se intensificando desde a promulgação da Lei de Diretrizes da Base (LDB), Lei 9.394/96, que inclui a Educação Infantil como primeira etapa da educação básica (título V, capítulo II, seção II, art. 29), pois, já que a LDB coloca a educação física como um componente curricular da educação básica, subentende-se que ela também deva estar presente na educação infantil.

Porém, alguns autores, como Sayão, defendem que não deve haver especialistas atuando na educação infantil, já que isto causaria fragmentação do conhecimento.

Sayão (2002) defende que, para que não ocorra um trabalho disciplinado e similar aos modelos escolares na E.I., não deve haver professores especialistas neste nível de ensino, pois, isto acarretaria uma fragmentação do ensino para as crianças. Para a autora, as crianças de zero a seis anos devem ser cuidadas e educadas por profissionais habilitados para esta função, e não vários profissionais detentores de conteúdos especializados.

Contraopondo-se a esta visão, Ayoub (2001) defende a necessidade da presença de professores formados em diferentes áreas atuando neste ambiente, e afirma que este fato não ocasionaria uma fragmentação do ensino desde que, estes profissionais sejam parceiros na educação e cuidado das crianças, além disso, a diversidade de formação dos diferentes profissionais constitui uma rica possibilidade de construção e desenvolvimento de trabalhos.

Este trabalho não procurou entrar na discussão da presença ou não do especialista na educação infantil, pelo menos não de forma direta, mas sim abrir caminhos para problematizar a necessidade (ou não) deste profissional, a partir da constatação de como vem sendo a educação do corpo nestes ambientes.

Partimos do pressuposto de que, embora não seja citado o termo educação física no RCNEI, que é o que deveria orientar as proposta de educação infantil dos diversos municípios do Brasil, a expressão *movimento* constitui um eixo de trabalho dentro do âmbito *conhecimento do mundo*.

Entendemos que assim, o corpo e movimento ganham uma valorização na educação infantil, a partir do momento em que este passa a fazer parte do referencial, destacando a importância do mesmo dentro da rotina das crianças.

Foi a partir disso que indagamos nesta pesquisa se o corpo e movimento realmente estão sendo valorizados neste ambiente pelas pedagogas¹ e demais profissionais que atuam nele. Qual o significado que estas profissionais atribuem ao corpo e movimento das crianças durante a rotina.

Além disso, pensando que não deve haver reprodução dos modelos escolares na educação infantil, é que dialogamos a pesquisa de campo com os estudos de Foucault (2005), já que este autor buscou problematizar o corpo dentro das instituições disciplinares modernas, dentre estas a escola. Assim buscamos identificar se o corpo da criança não estaria sendo tratado de forma escolarizada, como acontece em outros níveis de ensino.

Para tal questionamento buscamos entender o significado que o corpo e movimento da criança “ganham” na educação infantil, para isso utilizamos à abordagem etnográfica com o intuito de entender o significado do corpo neste universo simbólico.

Quando me propus a investigar o corpo da criança no contexto da educação infantil, parti da minha inquietação quanto ao fato da educação física não se inserir neste campo, pelo menos na maioria dos municípios, inclusive em Campinas. Pensando que a proposta dessa área é trabalhar com a cultura corporal do movimento, indaguei sobre como seria vista, pelos profissionais desse nível de ensino, a criança, seu corpo e movimento.

Entendemos que este objetivo pedia um estudo aprofundado e contato direto entre o pesquisador e o universo a ser pesquisado, já que o questionamento da pesquisa era sobre toda a rotina da criança na educação infantil, foi então que optamos pela observação conduzida pelo “olhar etnográfico” do campo em questão.

¹ Utilizaremos expressões no feminino para nos referir aos profissionais que atuam na educação infantil por considerarmos que ainda é predominante o número mulheres trabalhando com crianças de 0 a 6 anos.

Usarei o termo “olhar etnográfico” por que a etnografia em si é um método de pesquisa da antropologia e caracteriza-se por estudo de um longo período (um ano ou mais), no entanto, a essência deste tipo de estudo tem contribuído para as pesquisas no campo da educação, como minha pesquisa foi de apenas um ano, porém as observações de fato foram feitas durante um mês, optei pelo uso do termo “olhar etnográfico”.

Quando fui a campo com o “olhar etnográfico” vi que a questão do corpo era muito mais ampla e problemática do que o modo que eu a imaginava a priori.

Durante as 4 semanas em que estive imersa naquele universo percebi as inúmeras tensões a que o corpo da criança é submetido a todo instante, porém, o que me permitiu ampliar o olhar sobre o fenômeno pesquisado foram as leituras feitas das obras de Foucault: “Vigiar e Punir” e “Microfísica do Poder”.

Foucault nos mostra como as práticas e os saberes vem servindo, nos últimos quatro séculos, para “fabricar” os sujeitos modernos. Foi a partir dele que pude compreender a escola como um local de coerção, e uma articuladora de poderes e saberes.

Porém, sua obra não pode ser entendida, como nos atenta Veiga-Neto (2005), como um remédio para a educação e para o mundo. Segundo o autor, Foucault é um grande problematizador, mas não se trata de torná-lo um “guru”, mas sim usá-lo como ferramenta para pensar a constituição das práticas, e aqui em especial, as práticas centradas no corpo da criança dentro da educação infantil.

O autor nos alerta, sobre alguns equívocos que podemos cometer quando adotamos as obras de Foucault como perspectiva de análise. Um primeiro equívoco, de acordo com Veiga-Neto (2003), é acreditar que as obras de Foucault são, nas palavras do autor, “pau para toda a obra”, ou seja, usá-las para explicação de pesquisas empíricas, para responder questões do tipo “o que é isso?”.

Para o autor “(...) muito mais interessante e produtivo é perguntarmos e examinarmos como as coisas funcionam e acontecem e ensaiarmos alternativas para que elas venham funcionar e acontecer de outra maneira” (Veiga-Neto, 2003, p. 22).

Assim, no decorrer desta pesquisa, a leitura e adoção das teorizações de Foucault, mostravam-se claramente condizentes para que eu pudesse entender o significado atribuído ao corpo da criança naquele ambiente, ao qual encontrava-me inserida durante o estudo.

Foi através do movimento de “vai e vem” entre leitura do diário de campo, instrumento que possibilitou a memória dos acontecimentos vividos, e obras de Foucault, que foi permitido que, pouco a pouco, decifrasse aquilo que eu havia presenciado em campo.

Neste momento Geertz (1989) foi importante para que eu entendesse que, como o autor define, fazer etnografia é tentar construir uma leitura daquilo que a princípio nos parece estranho. Desta forma o autor nos traz que “os textos antropológicos são eles mesmo interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão (por definição, somente o ‘nativo’ faz a interpretação de primeira mão: é a sua cultura)” (GEERTZ, 1989 p.25).

Assim o que constatei não é verdade absoluta, aplicável a qualquer lugar, mas sim uma interpretação de segunda mão dos fatos, que ocorreram em um determinado lugar e contexto.

O que destaco de interessante no uso das teorizações foucaultianas, como mostra Veiga-Neto, é que a crítica que Foucault fez da sociedade não tem caráter salvacionista, o que segundo o autor, é tão comum nos discursos pedagógicos. Pelo contrário, sua crítica serve para movermos para novos horizontes e perspectivas sobre a nossa realidade.

Desta forma apresento esta pesquisa como uma maneira de olharmos a educação infantil, mais especificamente os profissionais e seu entendimento sobre a criança e seu corpo e seu movimento, para que possamos estar sempre em busca de novos horizontes para educação infantil e educação física.

Eis aqui o olhar que lhes apresento...

2 Um estudo com “olhar” etnográfico

A etnografia surge, assim como outros métodos de pesquisa qualitativa, como uma abordagem de pesquisa das ciências sociais, a partir de uma contestação de que os fenômenos humanos e sociais são muito complexos e dinâmicos, tornando impossível analisá-los somente por leis da física ou biologia.

Segundo Spradley (1979, apud André, 1995), “a principal preocupação na etnografia é com o significado que têm as ações e os eventos para as pessoas ou os grupos estudados”.

Sobre a busca de significados, que é o que pretendemos neste trabalho, buscar o significado do corpo dentro de uma instituição social e cultural, temos as palavras de Geertz (1989 p.15):

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, a procura de significado.

Dessa forma a pesquisa etnográfica “busca a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações e teorias e não sua testagem” (ANDRÉ, 1995, p.30). De acordo com a autora, neste tipo de pesquisa o pesquisador é o instrumento principal na coleta e na análise dos dados, assim eles são mediados pelo instrumento humano, permitindo que este responda ativamente as circunstâncias que o cercam, de forma que ele modifique, se necessário, a forma de coleta de dados, localizando novos sujeitos, revendo toda a metodologia ainda durante o desenrolar do trabalho.

Segundo a autora esse tipo de estudo se caracteriza por três técnicas específicas: a observação participante, entrevistas e análise de documento. No entanto, o pesquisador pode

escolher quais as técnicas que servirá para seu estudo, assim como combiná-las de acordo com o que ele julgar necessário.

Nesta pesquisa foram utilizadas a *observação*, com anotação simultânea no diário de campo, e *entrevista* com a professora de sala das crianças e coordenadora pedagógica da instituição, estas foram realizadas no final do período de observação.

O pesquisador que opta por essa abordagem, segundo Laplantine (1988) deverá centrar suas atenções naquilo que aparentemente não é relevante nos nossos comportamentos sociais, trata-se de um estudo do cotidiano, no qual o pesquisador se interessa por aquilo aparentemente mais habitual e “fútil”. O autor também afirma que esse tipo de análise sempre busca ser “total”, mas nunca “absoluta”. Assim o pesquisador oferece apenas uma representação/reconstrução do real, admitindo a possibilidade da existência de outras.

Neste trabalho partimos do pressuposto que estaríamos imersos em um campo, a priori, desconhecido, no qual seus “personagens” estão submersos em ações que para eles tem um determinado significado, para dizer nas palavras de Geertz, estão submersos em uma teia de significados. Portanto, para entendê-lo não bastaria apenas observarmos de forma superficial, é preciso fazer, como nos coloca Geertz (1989), através do que ele chama de descrição densa, ou seja, é preciso uma aproximação, seguida de uma familiarização com o campo de estudo, a fim de que se possa entender o significado das ações para o grupo que está inserido nele. De acordo com Geertz (1989 p.20) :

O ponto a enfocar agora é somente que a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato - a ser quando (como deve fazer naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coleta de dados - é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas as outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro aprender e depois apresentar.

Desta forma, para o autor fazer etnografia é tentar construir uma leitura daquilo que, a princípio parece estranho, desconectado e fragmentado, neste caso a cultura é um documento público, nos quais as ações têm um determinado significado no contexto estudado, que pode não ser (e muitas vezes não é) o mesmo se elas estivessem dentro de outro contexto. Assim o autor nos traz que “os textos antropológicos são eles mesmo interpretações e, na

verdade, de segunda e terceira mão (por definição, somente o ‘nativo’ faz a interpretação de primeira mão: é a sua cultura)” (GUEERTZ, p.25).

Desta forma nos capítulos seguintes apresentarei como foi essa “imersão” no campo estudado (educação infantil), como meus questionamentos iniciais direcionaram meu olhar sobre os acontecimentos cotidianos, e por último, como foi estabelecida a “ponte” entre as situações vivenciadas em campo e a literatura estudada.

3 Trilhando os caminhos...

A primeira etapa deste estudo foi escolher, entre as diversas instituições de Campinas, qual que eu iria realizar a pesquisa. Através do site da secretaria de educação de Campinas tomei conhecimento do número de instituições de educação infantil da cidade, bem como a localização destas.

Em Campinas as EMEIs e CEMEIs estão alocados por região, a priori, escolhi as que pertenciam a região norte, a qual pertence os bairros próximos da Universidade, assim, encontrei um total de 26 instituições.

No entanto, para a metodologia adotada, era necessário centrar-me apenas em um universo, portanto escolhi 3 instituições para entrar em contato, o critério foi as que se localizavam mais próximas da Universidade, caso não fosse possível realizar a pesquisa em uma destas, a busca se estenderia para bairros vizinhos.

Desta forma entrei em contato com as três instituições de E.I., as quais chamarei de Rosa, Margarida e Azaléia².

Logo no início, em uma primeira visita, sem mesmo conversar com a direção, foi descartada a possibilidade de a EMEI Rosa participar da pesquisa, pois, o fato dela localizar-se dentro de uma universidade tornava seus recursos, tanto materiais quanto humanos, não condizentes com as outras EMEIs da cidade. Esta possuía um número elevado estudantes/estagiários, tanto de pedagogia quanto de educação física, além disso, o município de Campinas não possui professores de educação física atuando no ensino infantil e de certa forma, a realidade poderia ser “mascarada” em virtude da própria localização da EMEI.

Na EMEI Margarida a coordenadora pedagógica mostrou interesse em relação ao projeto. A mesma declarou que seria importante esta interlocução entre o professor de Educação Física e o professor de Educação Infantil, pois estas acabam por não trabalhar frequentemente a linguagem corporal da criança, a própria coordenadora relatou ser “pobre” o conhecimento que as professoras possuem nesta área.

² Nome fictício, pois pôr questões éticas, os verdadeiros nomes das escolas não serão divulgados nesta pesquisa.

No entanto, esta instituição só atendia crianças de 1 a 3 anos devido a falta de público, fato relatado pela própria coordenadora, e a instituição passou a não mais atender crianças de 4 a 6 anos. Assim como o público alvo da pesquisa seria as classe de 4 a 6 anos não foi possível iniciar o estudo nesta instituição.

Entrei em contato com o CEMEI³ Azaléia, localizado em um bairro vizinho à Universidade, porém ainda bastante próximo desta. Já no primeiro diálogo com a coordenadora pedagógica ela se mostrou um pouco resistente à efetivação de uma pesquisa que envolvesse a maneira como os professores vêem o corpo da criança, este fato já me deixou preocupada, pois, considero que, para esse tipo de pesquisa a aceitação do grupo estudado é primordial.

Mesmo assim a coordenadora acabou aceitando a abertura da instituição para a pesquisa, desde que a mesma trouxesse um retorno, em forma de relatório, para a escola. Ficou estabelecido que era preciso telefonar sempre um dia antes da visita, eu concordei e disse que retornaria na próxima semana.

Das 4 salas que me interessavam, apenas 2, ambas do período da manhã, poderiam ser observadas, as outras não possuíam autorização das professoras para a entrada de qualquer pessoa, seja esta estagiária ou pesquisadora.

Na semana seguinte tentei entrar em contato com a coordenadora pedagógica durante todos os dias da semana, porém ela não se encontrava no CEMEI em nenhum dos dias.

Na semana seguinte aconteceu o mesmo problema, e em virtude desta demora julguei melhor procurar outra instituição, já que no primeiro contato, a coordenadora pedagógica e algumas professoras já ofereceram resistência ao estudo, além disso, durante duas semanas eu tentei falar por telefone para marcar o horário da visita e não consegui. Esta demora poderia atrapalhar o andar da pesquisa já que ela contava com um financiamento e possuía prazos de entrega de relatórios.

Assim entrei em contato com a quarta instituição, a qual será chamada de Girassol, localizada em um bairro um pouco mais distante da Universidade. Lá fui muito bem recepcionada, pois, diferente das outras três que havia visitado, o porteiro deixou-me entrar sem problemas para que esperasse a coordenadora, esta, por sua vez, também se mostrou aberta a realização da pesquisa, dizendo que não haveria nenhum problema. Perguntei se precisaria ligar

³ Centro de municipal de educação infantil: atende crianças de 0 à 6 anos, sendo que a maioria das turmas são de período integral.

sempre que fosse à escola, ela disse que não era preciso, pois eu poderia ir quando e quanto fosse necessário para o estudo.

Isto me deixou bastante aliviada, pois já estava preocupada com a possibilidade de não encontrar abertura das escolas para este estudo.

No mesmo dia deixei uma cópia do projeto de pesquisa com a coordenadora pedagógica, ela também me apresentou todo o ambiente do CEMEI, assim como a organização das turmas. No período da tarde existiam 3 turmas de crianças de 4 a 6 anos, ficou combinado que no próximo dia eu ficaria um pouco em cada uma das salas para depois escolher em qual turma eu realmente faria a pesquisa. Como já era quinta-feira, ficou acertado que eu voltaria na segunda-feira da próxima semana.

No entanto, na segunda-feira, quando cheguei, a coordenadora já havia decidido com qual turma eu ficaria, alegou que a professora era “mais receptiva”, resolvi concordar já que não queria criar nenhum atrito com a escola, além disso, de qualquer forma eu estaria acompanhando toda a rotina e com isso teria a oportunidade de observar as outras turmas em alguns momentos dentro da escola.

Assim fui apresentada a sala escolhida pela coordenadora, as crianças me receberam muito bem, ficaram perguntando de onde eu era e o que eu iria fazer lá, a professora disse a elas que eu era uma estagiária da educação física e queria conhecer como eles eram. No início achei que ela tinha usado o termo “estagiária” apenas por ser mais fácil para as crianças entenderem, mas com a passar dos dias era só assim que ela se referia a mim, embora eu reforçasse que estava fazendo um trabalho de pesquisa e não de estágio a mesma me chamou assim durante todo o tempo que permaneci lá.

3.1 A constituição do universo pesquisado

O CEMEI localiza-se na região norte de Campinas e atende crianças de baixa renda na faixa etária de 1 ano e 10 meses até 6 anos.

As salas são separadas por grupamentos multietários, assim o grupamento II (GII) atende crianças de 1 ano e 10 meses à 3 anos de idade, o grupamento III (GIII) atende as de 3 anos e 2 meses a 6 anos. As turmas do GII possuem no máximo de 30 crianças e as do GIII 25.

O CEMEI possui 7 salas, sendo que apenas duas destas eram de período parcial com turmas de manhã (7:30 às 11:30) e a tarde (13:00 às 17:00), as outras eram de período integral, onde as crianças permaneciam das 7:30 às 16:30.

A meia hora final de ambos os períodos eram destinadas a saída das crianças, na qual os pais poderiam buscá-las dentro deste período, assim não havia um horário pontual de saída.

Em uma conversa informal com a coordenadora ela me relatou que o CEMEI não tinha intuito de alfabetizar as crianças, mesmo as mais velhas (de 5 e 6 anos), ele valorizava o brincar e a forma que a criança aprende através dele.

O dia-a-dia das crianças era constituído por rotinas, as terças-feiras as crianças do GIII iam até uma praça de esporte, que ficava ao lado da CEMEI, para participarem do projeto segundo tempo⁴, as sextas-feiras era o “dia do brinquedo” nos quais as crianças poderiam trazer um brinquedo de casa.

A coleta de dado ocorreu no período de 28 de agosto a 12 de novembro de 2006. Nesses dois meses e meio dedicados à coleta de dados, foram observadas o total de 16 aulas, contanto que as observações eram feitas em semanas alternadas, além disso, houve feriados e semana de interrupção das aulas no CEMEI por motivos não esclarecidos pela direção.

A turma observada contava com 23 crianças (14 meninos e 9 meninas), porém, o número de faltas na turma era grande, sendo difícil o dia em que todas crianças estavam presentes.

No início senti que havia certo cuidado da professora com o que falava e como chamava a atenção de alguma criança, parecia que minha presença na sala talvez trouxesse alguns incomodo a ela, já as crianças pareciam estarem mais curiosas do que incomodadas. Olhavam para mim e tentavam entender porque um adulto sentava na cadeira delas, que era uma cadeira pequeninha, adaptada ao tamanho delas, mas não junto com elas, já que eu não ficava na mesa

⁴ É um programa do Ministério do Esporte, em parceria com o Ministério da Educação, destinado a possibilitar o acesso à prática desportiva aos alunos matriculados no ensino fundamental e médio, principalmente em áreas de vulnerabilidade social. (ver: <http://portal.esporte.gov.br/snee/segundotempo/>).

junto com os grupos. Algumas chegaram a perguntar se eu era da televisão, associando as minhas anotações a de um repórter.

Com o passar dos dias minha presença começou a também fazer parte da rotina daquele lugar, as crianças de outros grupamentos me cumprimentavam com “tchauzinhos” e beijinhos. Quando chegavam, algumas crianças me presenteavam com flores, assim como faziam com a professora.

Certo dia aconteceu um fato curioso, fiquei 2 semanas sem ir ao CEMEI, uma semana era o intervalo das observações e a outra só houve aula de manhã por causa da semana da criança. Quando voltei uma criança do GII, que parecia ter por volta de 3 anos se aproximou e disse “aparecidinha heim !”, não entendi o que ela quis me dizer, perguntei o porque dela dizer isso, ela me disse: “faz um tempão que não vejo você aqui”.

Isso mostrou que minha presença ali não era neutra, nem tão pouco passou despercebida pelas crianças, nem mesmos as de outras salas, mostrando que as crianças estão atentas a tudo e todos que as rodeiam.

Isto foi essencial para que eu não considerasse apenas o espaço de aula como um espaço educativo, isso me fez ver que ao acompanhar toda a rotina eu estava no caminho certo para entendê-las.

As anotações do diário de campo e entrevistas encontram-se no item “Apêndice” deste trabalho.

4 Interpretando o (des) conhecido

Depois de diversas releituras do que foi anotado no diário de campo encontramos alguns fatos que aconteciam com muita frequência, alguns até diariamente, naquele universo. Claro que a densidade das anotações é muito grande, mas aqui tivemos que filtrar os acontecimentos e selecionar aqueles que de alguma forma nos permitiram entender o que esta pesquisa havia proposto inicialmente, ou seja, como o corpo da criança é visto tratado e educado dentro do contexto de educação infantil.

A análise dos dados se deu no que Geertz chama de descrição densa, que consiste em entender o significado dos acontecimentos no tempo e espaços específicos que eles acontecem.

Alguns fatos serão aqui apresentados e analisados por revelar em suas entrelinhas as “respostas” para nossos questionamentos iniciais. Desta forma os dados que foram selecionados através do “olhar” etnográfico foram organizados observando-se a forma da ação do corpo das crianças nos diferentes ambientes do CEMEI. A partir desse eixo principal fomos destrinchando temáticas que se relacionavam direta ou indiretamente com este eixo.

Um primeiro contato com o ambiente já possibilitava analisar como é a *constituição do espaço físico* do CEMEI. Em um segundo momento, quando tive contato com os personagens que viviam naquele espaço pude perceber como certas *atitudes corporais eram exigidas nos diferentes espaços* e como a atitude corporal das crianças, muitas vezes, *divergia entre meninos e meninas*. Analisamos também em *qual contexto a professora propunha brincadeiras e músicas* para as crianças.

4.1 “Aqui não é lugar de bagunça! Deixa isso para o parque”: A constituição dos espaços...

(Diário de campo 05/09/2006)

Os espaços não são apenas lugares aleatórios onde as crianças ficam, eles são planejados e estruturados para exercer funções específicas, assim eles também nos educam, como nos afirma Soares (2005 p.43):

Ao partilharmos da idéia de que a educação é um processo cultural no qual nos inserimos cotidianamente, temos a certeza de que somos educados por tudo o que nos rodeia, da palavra à arquitetura das casas, das escolas, dos prédios onde trabalhamos, educados pelas ruas e espaços destinados às práticas corporais, elas mesmas formas específicas de educação.

Sendo assim, podemos pensar que a educação do corpo acontece há todo momento, inclusive no ambiente escolar, esta educação transcende a prática pedagógica da sala de aula, pois, ela também é reflexo da maneira como os espaços são constituídos, como o tempo é organizado, que tipo de relações podem ser estabelecidas neste ambiente etc. De acordo com. Ratto (2004, apud Carvalho 2006) temos que:

(...) o tempo cronológico escolar – que estabelece os horários das brincadeiras, que regulamentam o início e o final das propostas, etc. – e o espaço físico escolar – que estabelece os limites de dentro e fora (sala de aula/pátio/prça), os deslocamentos das crianças, a disposição dos brinquedos, etc.- podem ser considerados estratégias que incidem no disciplinamento dos corpos dos indivíduos. (p.11).

A arquitetura daquele CEMEI não era única, ela era mais ou menos parecida com os outros EMEI/CEMEI que visitei para realização da minha pesquisa. Também era similar com aquele que frequentei quando criança e mesmo dos que vejo (as vezes só pelo lado de fora) no meu dia-a-dia .

Assim encontrei um ambiente que me parecia conhecido: entrando-se nele dá-se diretamente para a sala de coordenação. Esta possui uma janela que dá direto para o refeitório,

que por sua vez é o centro de todo o espaço. Esta janela não chega a ser um panóptico como descreve Foucault (2005, p. 162) no sentido do ver sem ser visto, mas indica certa centralidade de olhares sobre o resto do espaço.

Todas as salas de aula possuem portas que convergem para dentro do refeitório, assim como portas que dão para o parquinho, exceto uma que fica em uma região mais afastada, mas essa era uma adaptação devido ao aumento do número de crianças matriculadas.

O espaço da sala de aula era circundado por prateleiras com brinquedos (jogos de encaixe, bonecas, carrinhos, quebra-cabeça, utensílios de cozinha em miniatura), havia um armário com jogos que tinham o nome de jogos pedagógicos, além de lápis, caneta, giz de cera, tinta, pincéis etc, e um suporte com livros e jornais. Na sala havia também um espelho grande pendurado na parede, no qual as crianças conseguiam olhar seu corpo todo.

O parque ocupa quase toda área externa do CEMEI, nele existem brinquedos de ferro como balanço, escorregador, gira-gira. O parquinho principal tem o chão coberto por areia, enquanto o parquinho menor tem o chão coberto por grama. Havia no canto um pequeno espaço cercado, que era chamado de tanque de areia.

Há também banheiros separados para meninos e meninas e em todo o espaço desenhos, fotos e figuras feitas pelas crianças, penduradas nas paredes.

O CEMEI possui também duas entradas, uma que dava na diretoria, outra que dava direto para o parque, sendo por esta que as crianças entravam. (ver figura 1).

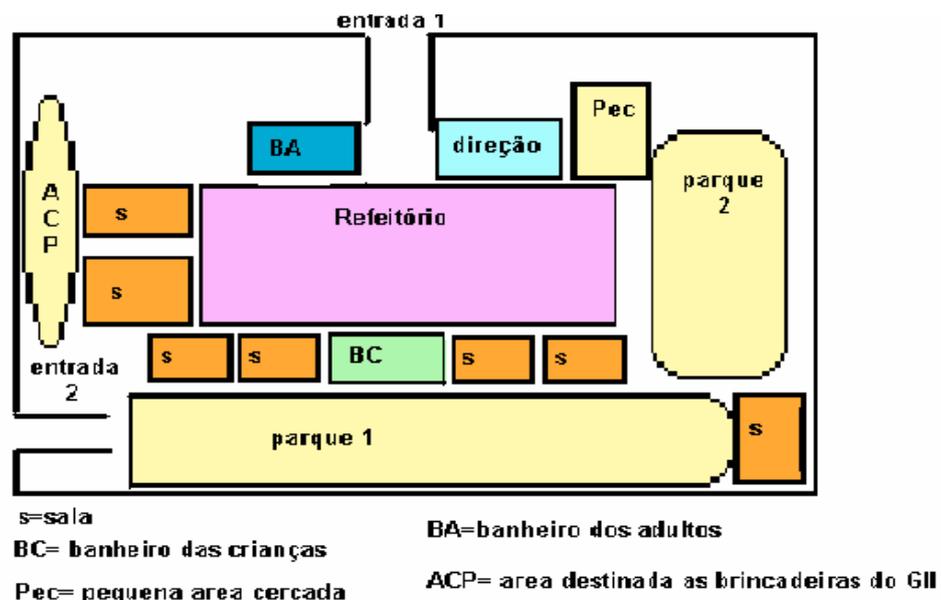


Figura 1: Arquitetura espacial do CEMEI

Este é o ambiente que os corpos ocupam e sua composição dava idéia para que cada um servia: o refeitório para comer e assistir TV, a sala para ficar sentado, já que possuía mesas e cadeiras que ocupavam quase todo o espaço, o parque para correr e brincar, pois era o espaço mais amplo, os banheiros para os momentos de higiene, espaços este delimitado para cada sexo, já que havia banheiro de meninas e meninos, os 2 portões de entrada que separavam alunos, professores, direção e pais, os corredores eram espaços de transição entre um local e outro, no qual as crianças sempre andavam em fila e sem correr.

Esta divisão dos espaços está dentro do conceito de disciplina criado por Foucault para pensar como funcionam algumas instituições modernas: fábricas, hospitais, prisões e escolas, mostrando que o modo de fixação dos corpos no espaço é semelhante em todas estas instituições.

Assim a *disciplina* é um modo de exercer *poder* que nasce e se desenvolve na modernidade. De acordo com o autor, ela constitui o eixo de formação do indivíduo e encarrega-se em primeiro lugar, de *distribuir os indivíduos no espaço*. Para tal utilizam-se diversas técnicas: como a cerca para delimitar um espaço; o quadriculamento das disposições dos corpos no espaço: “cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar um indivíduo” (FOUCAULT, 2005, p.123); a organização em fila; a seriação. Sendo assim o CEMEI não era um caso único desse tipo de disposição espacial. Os escritos de Foucault revelam que nos séculos XVIII e XIX, instituições como fábricas, acampamentos militares, hospitais e escolas já utilizavam esta forma de composição espacial.

Para Foucault esta organização dos corpos dentro destes lugares é uma maneira de se exercer poder na modernidade, que se difere da maneira pela qual ele era exercido, por exemplo, na Idade Média.

Desta forma o autor retrata como ocorreram as mudanças em relação as formas de se exercer poder na sociedade e como estas formas se relacionaram com o corpo. Ele relata que antes, na Idade Média, o poder estava concentrado em uma pessoa – o soberano (rei) – este atuava mais sobre a terra e seus produtos, extraindo-se dela bens e riqueza, mas sua expressão de poder também se materializava sobre o corpo.

A evidência desta materialização corporal do seu poder é expressa através da existência dos julgamentos públicos dos condenados, aqueles que cometiam alguma infração das

regras estabelecidas pelo soberano. Nestes espetáculos públicos, as pessoas presenciavam as torturas corporais do condenado.

Wellllausen (2006) em seu artigo que examina as relações de poder com o corpo expõe que:

A Idade Clássica instrumentalizou a tortura física utilizada pelo poder real na objetivação do criminoso, produzindo um duplo efeito: primeiro, inspirar medo e respeito pelo poder; depois incitar a revolta da multidão. O século XVII inaugurou novos métodos de controle minucioso do corpo, através de uma coerção ininterrupta, velando mais sobre os processos de atividades que sobre seus resultados, *esquadrinhando ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos*. Os métodos disciplinares foram se tornando formas gerais de dominação. (p.05, grifo nosso).

Com o advento do capitalismo e da era industrial, a figura do soberano se dissociou, e sua presença não se fez mais necessária para a nova organização social que a industrialização “pedia”. Desta forma o poder também se dissociou e passou a ser exercido por todos os lados, ou seja, em todas as relações sociais, não só na posição vertical hierárquica.

A partir disso a nova mecânica do poder agiria (ou ainda age) sobre os corpos, a fim de extrair deles tempo, trabalho e conseqüentemente dinheiro.

Com a dissociação das relações de poder, o castigo corporal e as torturas públicas deixaram de existir. Passou-se agora para um controle mais minucioso e sutil do corpo, porém *o corpo* continua sendo o foco de sua atuação:

Na verdade nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal do que o exercício do poder (...). Qual é o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa? Eu penso que, do século XVIII ao início do XIX, acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante e meticuloso. Daí esses terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas. (FOUCAULT, 1990, p.148).

Assim, se antes a manutenção do poder dependia da presença física do soberano, agora o que o materializa é a vigilância constante de uns aos outros, além da auto-vigilância:

Este novo tipo de poder, que não pode mais ser transcrito nos termos de soberania, é uma das grandes invenções da sociedade burguesa (...). Este poder não soberano, alheio à forma de soberania, é o poder disciplinar. (FOUCAULT, 1990, p.188).

Foi assim que surgiu a “soberania coletiva” que permitiu que a coerção disciplinar ocorresse a todo o momento, e em todas as instâncias da sociedade (família, escola, igreja etc.).

Foucault coloca que este novo controle corporal será efetivo através da vigilância (que ele chamou de panoptismo) e o uso da norma.

O panóptico, de acordo com Foucault (2005), consiste em um edifício circular com um pátio no centro e pequenas salas ao seu redor. No centro do pátio, existe uma torre de onde poderiam ser observadas todas as salas e, ao mesmo tempo, de todas as salas se viam as torres.

Assim quem estivesse na sala teria a sensação de estar sendo observado a todo o momento, sem necessariamente ter a certeza de quando isto estaria acontecendo. Este modelo arquitetônico poderia ser usado em hospitais, prisões, escolas, asilos etc.

Hoje, o mais interessante deste modelo problematizado por Foucault é a alusão da idéia de vigilância constante.

Atualmente embora não exista o panóptico (edifício), existe a sua essência (a vigilância). Somos vigiados por câmeras, pelos outros nas relações sociais, por exemplo, no caso da escola o professor vigia as crianças, que por sua vez vigiam umas as outras, porém o professor também é vigiado pela coordenação e assim por diante.

Exemplo de que os espaços são disciplinares podem ser percebidos através da fala da coordenadora pedagógica que durante a entrevista relatou sobre a importância de pensar como o espaço deve ser constituído, relatando que mesmo órgãos superiores (MEC) têm privilegiado esta questão:

(...) na educação infantil se privilegia muito os espaços, bastante! Porque através destes espaços, dessa organização, que a criança, ela vai se identificando, ela vai... se atentando e até para as experiências delas mesmas. Então a gente tem que realmente privilegiar essa questão, no mobiliário que seja acessível pra ela, os cartazes que esteja numa altura que ela possa estar vendo, porque na realidade é uma escola pra crianças né!(...) inclusive agora eu fiquei sabendo que este ano foi lançado um documento do MEC chama parâmetros básicos nacionais de infraestrutura para educação infantil, lançou agora este ano privilegiando mesmo

esses espaços, bebedouro, tudo na altura da criança. (Entrevista com coordenadora pedagógica).

Quando perguntado sobre a importância de um espaço amplo que possibilite a criança movimentar-se, a coordenadora concordou ser importante, mas relatou a importância da vigilância da criança:

(...) com certeza, porque na realidade é movimento dela né, a questão corporal, da autonomia, do direito dela ir e vir, e que seja um espaço que ela tenha segurança, pra ela não fugir ! (Entrevista com coordenadora pedagógica).

Debortoli (2004) em sua tese de doutorado, que analisou uma creche de Belo Horizonte, demonstra uma distribuição espacial similar com a que encontrei no CEMEI e aquela que Foucault descreveu em relação às instituições modernas:

Os sujeitos e seus corpos ocupam cada um dos espaços e se relacionam neles. Há locais que servem apenas como passagem ou deslocamento. Em determinados lugares, as crianças estão à vontade, em outros, na maioria das vezes, em fila. Em alguns locais o acesso é proibido às crianças, alguns intocáveis, outros servem a muitos usos. Em alguns ouvem-se conversas e barulhos, em outros reina absoluto o silêncio. Outros são específicos: aqui as crianças brincam, lá elas lêem, ali estudam, vêem televisão; outros são ressignificados por diferentes usos: almoço, vídeo, brincadeiras, reuniões, etc. Os espaços institucionais relacionam-se, nesse sentido, ao tipo de “atividade” que parece possibilitar à professora sua realização. (DEBORTOLI, 2004, p.45).

Voltando ao universo pesquisado, quanto a disposição das crianças na sala de aula, não se via um quadriculamento dos seus corpos em relação aos lugares que ocupavam na sala de aula, como nos coloca Foucault, já que as carteiras não estavam dispostas em fileiras. As mesas eram dispostas cada dia de uma maneira diferente: um dia em círculo, outro em “L”, sempre privilegiando a relação de uma criança com a outra. No entanto, o *individuo* da frase citada *cada lugar um individuo* (FOUCAULT, 2005, p.123, grifo nosso) era substituído por uma *turma*.

Os horários eram rigidamente estabelecidos para que cada turma do CEMEI ocupasse um lugar determinado em um tempo determinado. Desta forma, a rotina constituía-se

com a “hora” do parque, “hora” do lanche, “hora” do calendário, sempre com horários pré-determinados e estritamente fechados para a realização de cada atividade. Assim havia um tempo que se organizava de forma que as turmas percorressem todos os espaços, sem, no entanto, que estas se relacionassem uma com as outras, como uma grande engrenagem que, para funcionar, precisava de rigidez espaço-temporal.

Quero deixar claro que isto não era “culpa” da professora, ou da direção, mas esta era uma forma de rotina incorporada dentro daquele espaço, e sua mudança causavam estranhamento dos personagens que compunham aquele universo.

Isto foi observado no dia em que a professoras do GIII organizaram uma festa de aniversário para os aniversariantes de outubro. A festa provocou mudança na rotina, e a professora da outra turma “desabafa” os “problemas” que ocorreram quando ela fez o bolo junto com as crianças:

A professora coloca uma mesa no centro e pede para as crianças sentarem em volta, ela pega o bolo que já está assado e começa a recheá-lo, algumas cozinheiras olham, durante todo o tempo elas perguntam se a professora irá demorar muito, pois elas precisam lavar os utensílios, a professora olha para mim e diz em tom de desabafo *“olha menina, anota aí no seu caderninho que aqui na escola tudo tem que funcionar em função do horário da cozinha, tudo que a gente vai fazer tem que ser no horário dela, depois todo mundo vai querer o bolo, mas colaborar ninguém quer”* (Diário de campo 27/09/2006).

Além da rigidez dos horários, as filas também eram outro mecanismo que fazia parte da rotina. Elas eram a maneira de levar as crianças de um lado para o outro, muitas vezes ela era imposta, mas algumas vezes as próprias crianças encarregavam-se de formá-las, como nos momentos de esperar para ir ao refeitório, no qual elas lavavam as mãos e formavam fila mesmo quando a professora não estava por perto:

13h30min a professora pede para recolherem os brinquedos, as crianças guardam e formam fila para pegar sabonete, mesmo sem a presença da professora as crianças enxugam as mãos e formam fila (...). (Diário de campo 15/09/2007).

De acordo com Foucault (2005, p.126) “a ordenação por fileiras, no século XVIII começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de

alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova (...).”

Que os espaços são organizados de acordo com certo padrão, isto não há dúvidas, basta observarmos as semelhanças existentes entre prisões, hospitais, fábricas e instituições de ensino, isso Foucault já demonstrou em seus estudos. A composição dos espaços de CEMEIs e EMEIs também são muito similares, todas possuem na área externa o parque com brinquedos comuns a todas: gira-gira, balanço, escorregador, todas possuem um refeitório central, as salas possuem brinquedos, os banheiros de meninas e meninos são separados etc. Porém, vale analisar se estes lugares são ressignificados pelos sujeitos que o compõe.

Se a composição de cada espaço indica, a priori, certas possibilidades de ações corporais, será que naquele universo as crianças estavam “presas” a esta pré-determinação dos espaços? A seguir entraremos nesta discussão.

4.2 “Pode pegar brinquedos ou livrinho, mas têm que ficar sentados (...)” A normalização dos espaços...

(Diário de campo 27/09/2006)

De acordo com Foucault (2005, p.143) “(...) o sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvidas ao uso de três instrumentos simples: *o olhar hierárquico, a sanção normalizadora* e a sua combinação num procedimento que lhe é específico: *o exame*” (grifo nosso).

No contexto estudado, das técnicas citadas por Foucault, a mais evidente é o uso da normalização, ou seja, aquilo que é normal fazer em cada espaço. No CEMEI não era proibido correr: era proibido correr nos corredores, na sala e no refeitório, porém no parque essa ação era permitida. Ainda falando sobre a normalização temos as palavras de Kohan (2003, p.73):

Disso se desprende que a função principal do poder disciplinar é normalizadora, isto é, inscreve as possíveis ações em um determinado campo ou espaço a partir

de uma normatividade que distingue o permitido e o proibido, o correto e o incorreto, o são e o insano.

De acordo com Foucault a sanção normalizadora reúne cinco traços: castigam-se os detalhes mais insignificantes, como a penalidade do tempo, das atividades, da maneira de ser, de agir, dos corpos e da sexualidade; castigam-se os desvios que não se submetem a uma regra jurídica ou tida como “natural”; assim o castigo tem finalidade corretiva, procura corrigir os desvios e os comportamentos são classificados de acordo com uma lógica binária (bom/mau), desta maneira a sanção se organizará em torno de prêmios e castigos.

A normalização dos espaços do CEMEI se dava no que era permitido fazer em cada espaço organizado, isso pode ser visto através da observação dos diferentes comportamentos corporais que eram exigidos das crianças pelas professoras:

Após o lanche, o qual ocorre no mesmo silêncio de sempre, a professora pega na mão de duas crianças, imediatamente as outras levantam e formam fila, elas se empurram e a professora pede que todos sentem de novo, para que levantem e façam uma fila “melhor”. Elas sentam, levantam e formam a fila em silêncio, vão até o local onde estão as mochilas e pegam a escova para escovar os dentes. A professora pede para as crianças que forem terminando ficarem sentadas. (Diário de campo 26/09/2006).

O transitar pelos corredores em fila, era o ato normal naquela instituição, caberia às crianças se “acostumarem” a isso, ou seja, se enquadrarem à norma, de forma que o fora da norma seria andar fora da fila. Quando isso acontecia às crianças eram “castigadas” para aprenderem o “correto”, que significava naquele contexto, saber como comportar-se corporalmente em cada espaço. No caso citado, o castigo consistia em voltar e fazer a fila novamente.

Para Foucault é a penalidade destas pequenas infrações que irá permitir que pouco a pouco, os comportamentos e atos se padronizem, ou seja, é através da lógica binária do permitido/proibido, bom/mau, que os corpos aprendem a se comportar dentro dos espaços disciplinares: “Pela palavra punição, deve-se compreender tudo que é capaz de fazer as crianças sentir a falta que cometeram, tudo que é capaz de humilhá-las, confundi-las: (...) uma certa frieza, uma certa indiferença, uma pergunta, uma humilhação, uma destituição de posto” (FOUCAULT, 2005 p.149).

No sentido da análise de Foucault, podemos dizer que as disciplinas produzem indivíduos, através das formas de como os classificam, como os vinculam e fixam no espaço, de como organizam as atividades, além da forma como se estabelece o tempo dentro dos espaços.

Essa normalização das condutas das crianças também é relatada por Carvalho (2006) através de sua tese de Mestrado, que as identificou nas práticas do cotidiano da educação infantil como descanso, alimentação e brincadeira: “Através de discussão de tais práticas, foi possível perceber que o uso que é feito da normatização dos tempos dos espaços (muitas vezes) estão voltadas para a padronização das condutas” (CARVALHO, 2006, p.8).

Apesar de a punição fazer parte da sanção normalizadora, segundo Foucault, não é só ela que atua nos corpos, a gratificação dos atos também acaba assumindo e servindo-se da mesma função que a punição:

O professor deve evitar, tanto quanto possível, usar castigos; ao contrário, deve procurar tornar as recompensas mais freqüentes que as penas, sendo os preguiçosos mais incitados pelo desejo de ser recompensados como os diligentes que pelo receio dos castigos; por isso será muito proveitoso, quando o mestre for obrigado a usar de castigo, que ele ganhe, se puder, o coração da criança, antes de aplicar-lhe o castigo. (FOUCAULT, 2005, p .150).

De acordo com esta colocação é possível perceber que, para conter o movimento das crianças, a professora muitas vezes, usava o prêmio também, como quando ela troca o silêncio e bom comportamento, que se traduz pela imobilidade - ficar sentado-, pelo parabéns:

14h30min a professora pede para guardarem os brinquedos, pois terça-feira é dia de ir para a praça de esportes. As crianças guardam o material, escorregam pelo chão, empurram as cadeiras, fazem mais barulho do que de costume. Ao terminarem a professora pede para esperarem sentadas, algumas sentam outras permanecem em pé, a professora diz que só as que estão sentadas vão “ganhar” parabéns, logo os outros sentam.”. (Diário de campo 26/09/2006)

Os episódios do diário de campo nos atentam sobre como o sistema de prêmio/punição, na maioria das vezes, estava relacionado com as manifestações corporais das

crianças, mostrando que o corpo estava, a todo o momento, sendo educado e seus movimentos contidos.

Este conjunto de operações levava a normalização das condutas, revelando para as crianças que movimento é sinônimo de indisciplina, como quando a professora usa um castigo ao ver as manifestações das crianças após a realização de uma brincadeira:

A professora diz que ainda faltam cinco minutos para saírem e pergunta se querem brincar de dança da cadeira ou morto-vivo, elas escolhem morto-vivo. (...) Ela inicia a brincadeira como de costume, três crianças não brincam, apenas olham sentadas, à medida que as crianças erram vão se sentar para esperar o final da brincadeira. No final ela diz que repetirá a brincadeira, as crianças começam a gritar “eheheheh”, mas ao ver a agitação das crianças ela diz que nunca mais fará esta brincadeira, porque elas fazem muito barulho enquanto brincam, as crianças olham para ela em silêncio. (Diário de campo 27/09/2007)

Desta forma, a noção de disciplina dos adultos que compunham aquele contexto, era a do “não movimento”, ou seja, disciplinar é impedir o movimento das crianças, e aos poucos esta conduta, como diz Foucault, construía a subjetividade infantil.

De acordo com os escritos de Foucault as individualidades são produzidas a partir de como a sociedade as classifica dentro de uma ordem binária.

Assim o corpo da criança, naquele contexto, ia se constituindo dócil na medida em que suas manifestações eram classificadas como ruins pelas profissionais daquela instituição, revelando para a criança, desde muito cedo, que movimento é sinônimo de desordem e indisciplina. Claro que em muitos momentos o corpo não era só dócil, ele tentava escapar ao disciplinamento dos adultos: nos momentos que as crianças não seguiam a regra imposta, quando mesmo na fila elas se abraçavam, quando brincavam com seus pares, mesmo que sentadas no momento da refeição. No entanto, quando estas atitudes eram percebidas pelas professoras havia um esforço, através da coerção, da classificação das atitudes, do castigo, para tentar contê-las.

Quando de fato a coordenadora pedagógica definiu que sala eu iria ficar, dizendo que aquela era uma “boa turma” parece que o termo “boa”, para ela, era a turma mais quieta e disciplinada. Tanto que logo no primeiro dia fiquei impressionada com o fato das crianças chegarem, colocar as mochilas no lugar e esperarem sentadas, mesmo sem a presença da professora. No início achei que esta atitude fosse em virtude da minha presença na sala de aula,

mas com o passar dos dias vi que a conduta da turma já estava normalizada, tanto que a coordenadora considerava-a como uma boa turma.

Isto pode ser percebido quando observamos as atitudes corporais das crianças nos diferentes espaços:

13h30min: hora do lanche, as crianças deixam as capuxetas⁵ com a professora e vão em fila para o refeitório, lá as duas turmas (peixinho e livro⁶) juntam-se para lanchar. As crianças sentam-se nas mesas que possuem quatro cadeiras cada, e esperam o comando da professora para pegarem o lanche. O mesmo clima de silêncio invade o refeitório, apesar de ser um ambiente bastante colorido, com as paredes enfeitadas pelos desenhos das crianças, o lugar parecia triste e sem vida devido à imobilidade e silêncio das crianças. Neste momento elas permaneciam sentadas, só levantavam quando queriam repetir, as professoras permaneciam em pé observando-as. (Diário de campo 29/08/2006).

Cenas como esta se repetiram durante todo o período de observação, elas aconteciam nos momentos da refeição, na entrada, quando as crianças permaneciam sentadas e em silêncio mesmo quando a professora não estava na sala. Assim, podemos perceber como a normalização dos espaços era (in) corporada pelas crianças, e seus comportamentos revelavam que ali já estava construído o que Foucault chamou de corpos dóceis.

Porém, destacamos como o parque, lugar onde as crianças podiam se movimentar livremente constituía um momento de alegria para elas. Ao vê-las neste espaço era difícil reconhecê-las, pois elas não se pareciam com aquelas crianças “dóceis” que eu observava em outros espaços, suas atitudes quando o momento do parque chegava revelava o quanto era penoso para elas conter seus corpos:

15h00min: A professora fala para as crianças irem ao parque, elas saem correndo e gritando “ehehehehe...”. As crianças brincam livres no parque, as duas turmas se juntam nesta hora e, ao contrário dos outros espaços, este parece ser um lugar de muita euforia, as crianças correm, pulam, gritam, sobem nos brinquedos, nas árvores, *o momento é tão dinâmico que fica difícil acompanhar com os olhos a ação de todas elas (...)*. (Diário de campo 29/08/2006)

⁵ Um tipo de pipa feito apenas com papel dobrado e linha.

⁶ Na educação infantil é comum as turmas receberem um nome que é escolhido no início do ano letivo pelas próprias crianças, no caso, a turma que eu acompanhava era a do peixinho.

A observação da dinamicidade do momento mostra o quão difícil é, dentro da organização espaço - temporal escolar, realizar uma ação pedagógica dirigida. Se para mim, que estava ali apenas como uma observadora, já era difícil acompanhar todas elas, imagina para a professora que tem uma série de obrigações quanto ao cuidado e integridade física da criança.

Dessa forma, muitas vezes, tentar controlar o movimento da criança, parece ser a única forma que as professoras encontram para conseguir “dar conta” de todas as exigências que recaem sobre elas em relação às crianças.

Em outra cena em que as crianças vão para fora da sala fazer uma atividade, o momento do parque torna-se uma recompensa:

As crianças chegam até a mesa lá fora e sentam-se para esperar a professora, quando ela chega pede para recortar e pintar de acordo com o combinado, a atividade é fácil, basta continuar o recorte da figura já iniciado pela professora. Dois meninos rapidamente terminam de recortar e pedem para a professora se eles podem ir balançar no parquinho, ela diz que quem terminar pode, eles imediatamente saem correndo. Conforme as crianças terminam, saem pulando e dizem “já terminei agora vou para o parque”, para aquelas que ainda não acabaram de recortar, como se a atividade que tinham feito fosse uma obrigação e o parque fosse a recompensa, entregam a tesoura para a professora e saem correndo. (Diário de campo 25/09/2006).

Ao assumirmos a posição que o poder que se exerce sobre nós vai contribuir para a construção de nossa subjetividade, podemos dizer que o que se construía naquele ambiente é que movimentar-se era sinônimo de indisciplina, que havia um tempo específico para isto (o parque), este era o momento de estarem livres, mas livres do quê? As crianças começam a aprender desde cedo que para pensar não devem se mover, o corpo precisa ser contido, mas por que contê-lo? Será porque nossos castigos e prazeres são de ordem corporal?

Foucault, em *Vigiar e Punir* (2005), mostra como as instituições (que ele chamou de instituições de seqüestro) como prisões, escolas, asilos, hospitais, a partir do século XVIII passaram ao uso dos suplícios – que consistia em castigos e violências corporais públicas - para o disciplinamento dos corpos com uso de mecanismos de controle mais sutis, como detalhei anteriormente. Assim se antes havia um terror corporal que destruía, a disciplina começou a produzir o sujeito social.

Foucault nos coloca que, o que o sujeito é não está dissociado da experiência que o indivíduo é induzido a ter numa instituição disciplinar como a escola, por exemplo. Ou

seja, a maneira como agimos e nos portamos na sociedade (como sujeitos) está ligada às experiências que tivemos como indivíduos.

Camargo (2007) traz algumas considerações sobre a construção do sujeito dentro da escola:

A construção desses sujeitos ocorre mediante ao uso de certas tecnologias de classificação, divisão, premiação e *imposição de limites na ação dos indivíduos e de cada um deles consigo mesmo*, naturalizando e universalizando comportamentos que não são naturais nem universais, mas produzidos nas relações sociais. (CAMARGO, 2007, p.56, grifo nosso).

Assim no contexto investigado, as crianças vivenciavam uma prática cotidiana de imposição dos limites da ação de seus corpos, ou ainda, de movimentos específicos em cada espaço, que iam constituindo-as dentro desta lógica, o que fazia com que eu não as reconhecesse como sendo as mesmas quando estavam na sala e quando estavam no parque.

Este fato mostra claramente a constante coerção corporal que elas sofriam durante as atividades dirigidas, já que, no momento do parque, “livres” da imposição das normas dos outros espaços, atitudes corporais como correr, pular, subir, eram vivenciadas pelas crianças, fato que não podia ser observado em outros momentos.

Kohan (2003) coloca que a escola (e seus personagens) tende a “jogar” com o que a criança é, de acordo como uma imagem pré-concebida que temos delas:

O ponto mais energético do jogo está na constituição do próprio modo de ser, na forma que toma a criança no interior de uma série de estratégias reguladas de comunicação e práticas de poder que permitem produzir um certo eu. Essa forma poderá ter muitos perímetros e diferentes contornos, mas todos eles estarão contidos na forma criança, que, de alguma maneira, os dispositivos de poder disciplinar disseminam. A formação das crianças na escola moderna procura atingir a todas elas, da mesma maneira, com a mesma forma. (p.81).

É desta forma que os adultos daquele universo esperavam que as crianças aprendessem a hora de movimentar-se na escola, mostrando uma imagem pré-concebida de que o movimento da criança é sinônimo de bagunça e atrapalha a aprendizagem, e neste caso “(...) o movimento corporal humano fica restrito a momentos precisos como as aulas de educação física e horário de recreio” (STRAZZACAPPA, 2001, p.70, grifo nosso). Ali no contexto de educação

infantil, também não era diferente já que o movimento corporal restringia-se a momentos de parque, revelando a concepção dicotômica entre corpo e mente.

4.3 “Vamos ver quem fica mais tempo sem se mexer?” A proposta de brincadeiras...

(Diário de campo 12/11/2006)

No CEMEI, as crianças brincavam espontaneamente como também a professora propunha brincadeiras a elas, era isso que poderia ser descrito de maneira ingênua, só com o passar dos dias, na busca de entender o que significavam aquelas brincadeiras, comecei a indagar: em quais momentos elas aconteciam? Que propósito elas tinham dentro da rotina?

Neste momento trago aqui as palavras de Geertz (1989) sobre a importância da descrição densa dos acontecimentos observados, o autor coloca que esta, que tenta interpretar o significado das ações, só tem sentido naquele contexto específico que elas ocorrem, pois em outro contexto elas provavelmente teriam outros significados.

Em uma simples descrição das situações diríamos que a professora realizava algumas brincadeiras com as crianças, e estas aconteciam regularmente. No entanto, ao partir da descrição densa, com intuito de entender o significado das ações, percebi que as brincadeiras aconteciam em momentos específicos: *sempre antes do horário do parque, assim como as músicas que sempre eram lembradas pela professora no momento que as crianças esperavam a outra turma terminar a refeição para elas entrarem no refeitório.*

Desta forma brincadeiras e músicas recebiam o significado de um mecanismo a mais de controle dos corpos das crianças. Se nos corredores seus corpos eram controlados pela imposição das filas, em outros momentos, quando para a professora, as crianças já não se comportavam de acordo com a norma – que como já relatei anteriormente era ficar sentado, em silêncio - as brincadeiras cumpriam a função de controlar os corpos:

Faltam apenas cinco minutos para o parque, mas a professora vendo que as crianças não param sentadas, diz que enquanto não chega a “hora do parque” vai fazer a brincadeira do morto-vivo, pede para que todas fiquem em pé e as que não querem, fiquem sentadas. Começa a brincadeira: morto - todas abaixam, vivo- todas levantam, as crianças que erram vão saindo da brincadeira, porém algumas insistem em continuar, mas a professora pede que saiam. No final ela pede palmas para o menino que ganhou. (Diário de campo 15/09/2006)

De acordo com as constatações citadas anteriormente, podemos dizer que, se Foucault colocou que as instituições modernas usaram mecanismos como fila, vigilância hierárquica, entre outros, para o controle dos corpos, ali naquele contexto, talvez não de forma consciente, a brincadeira servia como um dispositivo de controle também.

Através das anotações do diário de campo, vemos que a brincadeira mais utilizada pela professora foi o “morto-vivo” que consiste em as crianças ficarem paradas, apenas levantando e abaixando ao comando das palavras “morto” e “vivo”. Podemos analisar que a própria característica da brincadeira é estática, ou seja, não há movimentação das crianças, ou pelo menos os movimentos que existem na brincadeira são controlados. Além disso, apesar dessa ser a brincadeira mais utilizada pela professora, ainda foram propostas outras como “batata-quente” e “estátua”, mas todas essas com uma característica de movimentação controlada.

Ainda existiam aquelas brincadeiras inventadas pela professora que tinha, explicitamente a função de controle dos corpos:

As crianças voltam em fila para a sala, a professora diz que podem pegar brinquedo, ao perceber o barulho que as crianças estão fazendo ela diz: *“vamos fazer um concurso pra saber quem fala mais baixo: os meninos ou as meninas”* as crianças olham em silêncio e balançam a cabeça afirmando que sim. As crianças permanecem sentadas, porém conversam bastante, a professora aproveita o momento para colar bilhetes nos cadernos das crianças, percebendo o barulho diz *“tá 1x0 para as meninas porque os meninos estão falando muito alto”*, o que causa um silêncio momentâneo, as meninas dizem *“ehehehehe”*. Maria e Vanessa diz as colegas de sua mesa *“vamu fala baixo, senão não vamos ganhá”*. (Diário de campo 30/10/2006)

Na situação descrita a brincadeira serviu simplesmente para controlar as crianças, que foi motivada pelo clima de competitividade entre meninos e meninas, reforçado pela professora quando esta diz que as meninas estavam com um ponto e os meninos com zero.

De acordo com a atitude de Maria e Vanessa, que dizem para suas amigas continuarem falando baixo para elas ganharem, percebemos como o controle se efetiva e constrói situações em que as crianças aprendem a se controlar e controlar os outros.

Alguns dias depois que a professora havia proposto a brincadeira de quem falava mais baixo, a Vanessa propõe à professora (que neste momento pede para as crianças fazerem silêncio) que faça a brincadeira novamente:

(...) Logo começa a chover e as crianças têm que voltar a sala, lá a professora pede para falarem baixo, elas pegam brinquedo e sentam no chão. Vanessa diz a professora “vamu fazê o concurso de quem fala mais baixo?” a professora pergunta as crianças se elas querem e elas dizem que sim.”. (Diário de campo 01/11/2006)

Situações como estas mostram como o movimento é considerado naquele ambiente como um indicativo de desordem, à medida que se tenta manter a ordem dos corpos das crianças mesmo em momentos em que poderíamos, a priori, imaginar que isto não fosse esperado, como por exemplo, nas brincadeiras.

Oliveira (2006) afirma que, ao analisarmos as práticas corporais na escola, podemos aferir que existe um constante esforço, por parte de todos que a compõe, de controlar a ação dos corpos, mostrando que há uma negação do mesmo:

(...) Negação esta que se manifesta mediante um controle intenso sobre toda e qualquer ação, seja de professores, alunos e funcionários, alimentado por certa previsibilidade daquilo que ocorre, ou daquilo que pode ocorrer, em termos corporais, no interior da escola. Essa negação é fomentada por um poderoso código coercivo de punições, que é ensinado ao indivíduo logo que ele inicia sua vida estudantil. (p.59).

4.3.1 Dividir para controlar: o episódio do cavalinho...

Dentro da análise das brincadeiras não poderia deixar de destacar uma situação em que a divisão das crianças no espaço foi realizada com a finalidade de controlá-las.

Trata-se do episódio em que a professora traz para a sala um cavalinho de balanço, este brinquedo causou uma euforia nas crianças, já que ele não estava sempre à disposição da turma:

A professora traz para a sala o cavalinho que estava no refeitório, todas as crianças vão em direção a ele, que foi colocado do lado de fora, em frente a sala, a professora diz para entrarem para organizar quem irá brincar no cavalinho. Pede para todos sentarem, ela marca na lousa o nome das crianças, na ordem em que as crianças escolhem umas as outras, diz que sairá um de cada vez para brincar, seguindo a ordem da lousa. As crianças que ficaram na sala olham a criança que está lá fora brincando sozinha no cavalinho. Duas meninas saem e a professora pede para entrarem, porque tem que seguir a ordem da lousa. Diz para ficarem brincando dentro da sala e quando a criança que estiver no cavalinho cansar de brincar, ela vem e chama o próximo. (Diário de campo 15/09/2006)

Apesar da tentativa de controle das crianças, este só é obedecido nos momentos em que a professora mantém uma vigilância direta sobre o ato das crianças, pois durante todo o “episódio” as crianças saíam para brincarem juntas no cavalinho, a brincadeira só era interrompida quando a professora percebia que as crianças não estavam seguindo a ordem proposta por ela:

14h30min a professora termina de arrumar os cadernos, ao ver as meninas lá fora, manda-as entrar, ela tira as crianças do cavalinho e diz que tem que seguir a ordem da lousa, ela parece não ter percebido que muitas crianças já brincaram juntas no cavalinho.(idem)

Neste momento a presença do soberano (professora) fez-se necessária para que o controle sobre os corpos das crianças se efetivasse, mostrando que nos momentos em que as crianças sabiam que não estavam sendo vigiadas, no caso quando a professora estava ocupada

com a colagem de bilhetes no caderno das crianças, o controle dos seus corpos não era atingido de maneira eficiente. Por outro lado, quando a professora terminou, as crianças voltaram a seguir a regra imposta:

14h45min a professora pede para as crianças começarem a guardar os brinquedos e pararem de sair para fora. Uma menina que está no cavalete, chama a outra para ir com ela, esta responde “a tia não deixa!”.

Este episódio mostra o distanciamento existente entre a professora e a realidade infantil, em nenhum momento ela mostrou-se sensível ao interesse das crianças de brincarem em pares.

Freire (2007) em seu livro *Pedagogia da autonomia* já dizia “não há docência sem discência” (p.23, palavras do autor). Ele coloca que ensinar não é transferir conhecimento, como se aquele que aprende fosse passivo e acomodado. Nas palavras do autor “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (idem).

O que a professora aprendeu com as crianças nesta situação? Interessada apenas em não deixar as crianças juntas para que não fizessem barulho, isolou aquele que brincava. Sozinho ele não fazia bagunça (que como já relatei, naquele contexto significava movimentar-se, correr pular, falar alto). Com isso ela perdeu a oportunidade de aprender com as crianças a maneira delas de brincar, a importância de brincar com seus pares, tanto que foi isso que elas fizeram enquanto a professora não as via.

Este distanciamento entre o mundo adulto e o mundo infantil pode ser percebido quando, em uma conversa informal com a professora, ela relatou que as crianças não gostavam de brincar, já que sempre que ela dava uma brincadeira elas não se animavam:

Eu perguntei para a professora sobre a menina nova, pois nunca mais havia-a visto na aula, ela disse que os pais tiraram ela de lá porque o CEMEI valoriza o brincar como forma de aprender e não o letramento: “a mãe disse que ela iria ficar preguiçosa depois que entrasse na escola”. A professora também me disse que tem dificuldades de trabalhar na “linha” do brincar e preferia trabalhar com letramento porque as crianças não se motivam a brincar quando ela propõe. (Diário de campo 27/09/2006)

Gallo (2007) faz uma reflexão sobre como, muitas vezes, o professor localiza um problema de indisciplina de um aluno no próprio aluno e não na sua aula em si, o autor faz esta reflexão em cima um fato citado por Gattari (1986) no qual uma criança na sala de aula começa a jogar chicletes na cabeça de outra, o autor problematiza se esta manifestação singular na verdade não seria vontade da sala toda, talvez as outras crianças também estivessem cansadas também, só não manifestaram.

A provocação de Gattari nos diz que sempre localizamos o problema no outro, raramente em nós mesmos. Um professor que tem a aula perturbada coloca o problema no aluno que perturba (...). mas é muito raro que vejamos naquele ato de singularidade de um aluno o efeito de uma situação que é generalizada, mas que os demais não tem a coragem de manifestar. (Gallo, 2007, p.23).

Diante do exposto podemos problematizar a fala da professora que dizia que as crianças não se animavam a brincar, será que o problema não estava nas brincadeiras propostas, ou mesmo na forma “tradicional” em que elas se organizavam : os que saíam da brincadeira tinham que esperar para ver o vencedor e ainda aplaudi-lo no final, sendo que as crianças mais esperavam para ver o vencedor do que participavam da brincadeira em si, como no caso da brincadeira do vivo- morto.

Aqui percebemos o distanciamento entre o mundo do adulto e o da criança, não só em relação à professora, mas mesmo aos pais. Apesar de não ter tido nenhum contato com os pais da menina nova, o fato é que brincar para eles deixaria a menina preguiçosa, com se a brincadeira não fizesse parte do mundo da criança e como se ela não aprendesse dessa forma.

Talvez as crianças não se motivassem com a proposta de brincadeira da professora devido ao distanciamento dela em relação às crianças, visto que as brincadeiras eram sempre as mesmas, ela é quem colocava as regras para “o brincar”, não havendo nenhuma participação das crianças nas propostas.

Para terminar este episódio deixo aqui as palavras de Freire para reflexão:

Afinal, minha presença no mundo não é de quem a ele se adapta, mas a de quem nele e insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História. Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o

cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam. (FREIRE, 2007, p.54).

4.4 Atitudes corporais: uma questão de gênero ou de sexo?

Se partirmos da concepção que os corpos e comportamentos são socialmente aprendidos e (re) construídos em cada cultura, podemos problematizar o fato das meninas terem uma imobilização corporal maior, quando comparadas aos meninos de sua sala naquele contexto. Para iniciar a problemática, trago aqui as palavras de Goellner (2003):

Pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura é, simultaneamente um *desafio e uma necessidade*. Um *desafio* porque rompe, de certa forma, com o olhar naturalista sobre o qual muitas vezes o corpo é observado, explicado, classificado e tratado. Uma *necessidade* porque ao desnaturalizá-lo revela, sobretudo, que o corpo é histórico (p.28, grifo nosso).

Esta é a perspectiva de análise neste trabalho e, da mesma forma, aqui relataremos as diferenças em relação às atitudes corporais de meninos e meninas. Destacamos o termo *atitudes corporais*, pois, já que nosso foco de investigação era o corpo, esta problemática da diferença das atitudes foi constatada quando era exigido que o mesmo permanecesse imóvel e em silêncio. Portanto, ressaltamos que outras diferenças no comportamento de ambos os sexos não foram investigadas, por isso retrataremos aqui somente o que diz respeito ao movimento de meninas e meninos.

Assim, apesar das questões de gênero não terem sido o foco desta investigação, ao longo dos dias de observação, foi constatado que as meninas, na maioria das vezes, eram as primeiras a seguirem as regras corporais do “bom-comportamento” que, em muitas situações, era o não movimento.

Podemos pensar que, o fato das meninas, naquele contexto, serem mais submissas as regras imposta de ficarem paradas do que os meninos, esteja relacionado a que, historicamente a mulher foi impedida de movimentar-se livremente, pautada em valores morais –

meninas precisam ser recatadas para serem consideradas “boas moças” - e valores biológicos – mulheres são mais frágeis.

Goellner (2003) relata que, durante muito tempo, atividades corporais consideradas mais “pesadas” como lutas, esportes, entre outras não eram recomendadas às mulheres em virtude de sua natureza mais frágil em relação ao homem. Essa perspectiva era pautada em explicações biológicas, mais especificamente na fragilidade dos órgãos reprodutivos e necessidade de sua preservação para uma maternidade sadia. Com isso o espaço privado (lar) era considerado o lugar social de domínio da mulher “(...) nele poderia exercer, na sua plenitude, as virtudes consideradas como próprias do seu sexo tais como a paciência, a intuição, a benevolência, entre outras” (GOELLNER, 2003, p.31).

Nesta perspectiva as condutas corporais de meninos e meninas aparecem, com o olhar das ciências naturais, como simples “imposições” inatas, cujo modo de comportar-se entre ambos é determinado por seu sexo, ou ainda, como se as diferenças físicas entre os sexos fossem determinantes nas escolhas de suas atividades.

Por outro lado, ao analisarmos tais comportamentos sem o viés puramente biológico, ou seja, a partir de uma perspectiva sócio-cultural do comportamento, podemos problematizar o fato de meninas e meninos ocuparem espaços distintos dentro da escola.

Trago aqui a conceituação de Scott (1995) a respeito de gênero que o define como:

Um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornecem um meio de decodificar o significado e compreender as complexas formas de interação humana. (p.89)

Assim Scott coloca que pensar gênero como uma construção social e relacional não descarta as diferenças biológicas existentes entre os sexos, mas que, baseada nestas diferenças outras são construídas. Ou seja, o gênero seria a construção social de uma dada cultura sobre o que é masculino e feminino a partir das diferenças físicas entre ambos os sexos (homem e mulher). Essas construções dizem respeito ao modo de se vestir, atitudes, comportamentos, funções sociais entre outros.

No CEMEI em alguns momentos ficavam explícitas as diferenças nos comportamentos corporais entre meninos e meninas. Observamos que após as refeições meninos e meninas alternavam-se em serem os primeiros a escovar os dentes. A atitude de normalização

das condutas era imposta pela professora: deviam esperar quietos e sentados enquanto seus amigos escovavam os dentes, porém as meninas, na maioria das vezes, seguiam a regra imposta (esperar sentado), enquanto os meninos as transgrediam com mais frequência:

Terminado o lanche a professora leva as crianças para escovar os dentes no banheiro que fica dentro do refeitório, os meninos sobem em uma peça do giragira que está no local, logo a professora pede para eles sentarem no chão e esperarem as meninas escovarem os dentes, eles rolam no chão e brincam de cavalinho. (Diário de campo 05/09/2006).

A professora Maria pega na mão de 2 crianças, imediatamente todas levantam e formam fila, os meninos vão escovar os dentes, as meninas brincam com um cavalinho que está no refeitório. Depois, enquanto as meninas escovam, os meninos correm e escorregam pelo chão, neste momento a professora não está presente, porém, um menino vai até a professora contar o que os outros estão fazendo, a professora vai até o local e os mandam para a sala.” (Diário de campo 15/09/2006).

Depois de 20 minutos de lanche, a professora dá a mão para duas crianças, imediatamente as outras se levantam e formam fila. Ela os leva até o local onde estão as mochilas, pede para as meninas sentarem enquanto os meninos escovam os dentes, elas esperam sentadas, depois a professora as “libera” para escovar também. Os meninos, que já escovaram, começam a correr e escorregar pelo chão, ao vê-los, a professora pega na mão de dois meninos, em seguida o restante forma fila, ela os leva para a sala.” (Diário de campo: 25/09/2006).

Situações como estas que foram destacadas aconteciam quase que diariamente durante o tempo de 5 a 10 minutos em que as crianças permaneciam, separadas por sexo, para escovar os dentes. Interessante destacar que havia uma alternância de quem iria escovar os dentes primeiro, desta forma não eram sempre as meninas as primeiras. Esta atitude muitas vezes consideradas de cavalheirismo, na qual os meninos têm que aprender a deixarem as mulheres serem as primeiras, de fato não aconteceu no contexto pesquisado, apesar das crianças serem separadas por sexo neste momento, a alternância indica que este não era o intuito da ação.

Atitude semelhante a esta também é relatada por Altmann (1998) em sua dissertação de mestrado, que analisou alunos de 5º série de uma escola de Belo Horizonte. A autora relata a dificuldade de meninos permanecerem sentados durante os momentos de entrada, início da aula e durante as instruções, discussões ou repressão da professora: “*Ficar parado*

parecia algo extremamente difícil para os meninos, que nem mesmo sentados deixavam de se movimentar, arrastando-se pelo chão para trocar chutinhos e tapas” (p.24, grifo nosso).

Aqui percebemos que apesar de se tratar de uma 5ª série, localizada em outro estado, a mesma “dificuldade” de manter os meninos parados foi relatada pela autora, não sendo o mesmo observado em relação às meninas, que como a autora coloca obedeciam mais as regras da escola: *“como relatei, a professora solicitava que a esperassem sentados na escada do pátio, mas os meninos desobedeciam-lhe e faziam outras coisas pelos arredores...”* (ALTMANN, 1998, p.31, grifo nosso).

A autora conclui que naquele contexto a maneira das meninas respeitarem as regras não era demonstração de passividade, mas sim uma estratégia de também conquistar espaço dentro da escola:

Enquanto a estratégia predominantemente utilizada pelos meninos para a conquista do espaço era a *transgressão*, a das meninas era a *não-transgressão*. Ao obedecerem às normas, elas conquistavam a cumplicidade das professoras, alcançando, assim, alguns de seus objetivos. (Idem, p.33, grifo nosso).

Apesar da semelhança nas situações descritas por Altmann e as que encontramos no CEMEI, aqui as atitudes das meninas não pareciam constituir uma “estratégia” para obter espaço, podemos pensar que a maneira mais passiva que as meninas submetiam-se as imposições da professora não é uma característica nata da sua condição de mulher, mas, a explicação pode se dar associando-a ao fato de como o ambiente escolar (mesmo aqui se tratando da educação infantil, onde teoricamente não deveriam ser reproduzidos os modelos escolares) espera que meninos e meninas se comportem diante das mesmas situações, que como podemos constatar começa a aparecer desde a educação infantil.

Standley (1995) citada por Altmann (1998) coloca em seu artigo que a maneira mais tranqüila das meninas é uma resposta à própria escola, sendo uma estratégia das meninas (não sabemos se consciente) para ir bem na escola “ pois essa tranqüilidade é julgada tanto por elas quanto pelas professoras como positiva para o bom desempenho acadêmico...” (p.37). Com isso podemos pensar que meninos e meninas apresentam maneiras diferentes de se comportarem em relação as regras em virtude das expectativas das pessoas que compõe a escola, como também da própria sociedade, já que as crianças não chegam na escola “vazias”, mas já trazem uma bagagem cultural das relações estabelecidas no seu dia - a - dia.

Quanto às expectativas de professores em relação a meninos e meninas temos a pesquisa de Carvalho (2001) em uma escola pública de ensino fundamental de São Paulo que analisou como professores avaliam os bons e maus alunos. A autora constatou que os professores sempre esperam atitudes mais agressivas, rebeldes e transgressoras de regras dos meninos, esse comportamento não é problematizado, pois para eles isto seria o normal, foge a norma uma menina que apresente tal comportamento. Mais tarde, os professores passam a atribuir a estas atitudes o fracasso escolar dos meninos, já que eles estabelecem padrões de “bom comportamento” não condizentes com os que os meninos apresentam para categorizar um bom aluno (a), com isso o número de meninos que “fracassam” na escola é maior do que o de meninas.

Fraga (2000) analisou que, o que se considera um bom-comportamento de um menino difere-se do que é considerado como bom-comportamento para uma menina. Sua análise é feita a partir de uma pesquisa realizada com adolescentes, porém aqui podemos pensar essas diferenças desde a educação infantil, e que a construção da identidade sofre influências desde quando nascemos:

O menino bom-moço vai se constituindo no ajustamento das condutas à masculinidade tradicional, não só voltada para a demonstração pública das virtudes viris, mas também correspondentes a uma série de responsabilidades do bom sujeito cumpridor de seus deveres. No bom-moço se lapida um modo de ser criado que se põe à mostra no *corpo ativo e desbravador* em diferentes fases da vida. (FRAGA, 2000, p.91, grifo nosso)

Já em contraste, temos as atitudes esperadas de uma boa-moça:

Para ela, desde muito cedo, as atribuições se referem a toda uma constelação de valores e atitudes que reafirmam de forma constante o seu destino biológico: a maternidade. Dentro disso espera-se que a menina tenha cuidado redobrado com o seu próprio corpo e que se comporte dentro dos padrões de condutas previstos para a futura mulher/esposa/mãe. Para tanto, exige-se um demorado aprendizado como se conduzir apropriadamente – é preciso “andar direito”; “andar na linha”, para não ficar falada. (idem).

A forma que a sociedade espera que meninas e meninos se comportem é um indicador das diferenças de ações corporais que encontrei na instituição, assim não só as crianças,

mas todos nós estamos imersos em códigos culturais que tentam determinar a maneira que nos comportamos e usamos nossos corpos, essa determinação também é expressa pelo nosso corpo.

Quando, por exemplo, damos uma bola para um menino e uma boneca para a menina, já estamos delimitando as práticas de um e de outro baseado nas diferenças entre os sexos. Depois mais tarde, na escola e em outros lugares acabamos fazendo o discurso de que meninos são mais “agitados” e meninas mais passivas sem considerar que isto é uma construção.

Daólio (2006) explica que há uma construção cultural do corpo feminino e nos mostra sobre as diferentes expectativas do adulto em relação as atitudes corporais de ambos:

Sobre um menino, mesmo antes de nascer, já recai toda uma expectativa de segurança e altivez de um macho que vai dar seqüência a linhagem. Na porta do quarto da maternidade os pais penduram uma chuteirinha e uma camisa da equipe de futebol para a qual torcem. Pouco tempo depois dão-lhe uma bola e estimulam aos primeiros chutes. Um pouco mais tarde esse menino começa a brincar na rua (futebol, pipa, subir em arvores, carrinho de rolimã, skate, bolinha de gude, bicicleta, taco etc.) porque, segundo as mães, se ficarem em casa vai atrapalhar.(p.76).

Já em relação às meninas Daólio coloca:

Em torno da menina, quando nasce, paira toda uma névoa de delicadeza e cuidados. Basta observar as formas diferenciadas de se carregar meninos e meninas, e as maneiras de os pais vestirem uns e outros. As meninas ganham de presente em vez de bolas, bonecas e utensílios de cozinha em miniatura. Além disso, são estimuladas a todo o tempo a agirem com delicadeza e bons modos, a não se sujarem e não suarem. Portanto, devem ficar em casa, a fim de serem preservadas das brincadeiras “de meninos” e ajudarem as mães nos trabalhos domésticos, que lhe serão úteis futuramente, quando se tornarem esposas e mães (idem).

Na citação acima, Daólio fala, além de outros elementos, das diferenças em relação à vestimenta de meninas e meninos. Voltando as anotações do diário de campo, podemos ver como que artefatos de beleza (de nossa cultura) considerados como femininos aparecem com frequência nas meninas de 4 a 6 anos: bota de salto alto, esmalte, batom etc:

Durante o momento do parque, que é o espaço livre para as crianças brincarem, a professora Marta chama as meninas para passarem esmalte. A professora senta-se em frente ao parque e 5 meninas aproximam-se dela para passarem o esmalte. No tanque de areia alguns meninos jogam futebol, algumas meninas se aproximam mas os meninos não as deixam jogar. (Diário de campo 29/08/2006)

Ao chegarem à praça, as meninas saem correndo com a capuxeta, os meninos ficam com as duas pipas. A professora se encarrega de arrumar as capuxetas quebradas, enquanto as crianças brincam livres. Algumas tiram os sapatos para correr, porém duas meninas ficam de bota de salto alto. (idem).

O portão é aberto as 13:00 horas, as crianças entram e vão ao encontro da professora que está próxima do portão, formam duas filas, a professora caminha até a porta da sala e pára em frente, as crianças param também, a professora diz que elas podem entrar. Este é o dia que as crianças levam brinquedos para a escola, elas tiram os brinquedos da bolsa e as guardam do lado de fora da sala, algumas meninas trouxeram batom e passam uma nas outras. (Diário de campo 15/09/2006)

Estes artefatos podem significar mudança na sua forma de movimentar, por exemplo, o uso do salto-alto, a retirada do momento do parque para passar esmalte, tudo isso submete e uma construção cultural do corpo feminino, que perpassa desde o modo de vestir até as atitudes que lhes são exigidas.

Daólio, apropriando-se do conceito de imitação prestigiosa de Mauss (1974), explica como ocorre o processo de transmissão de hábitos e valores culturais e porque a mudança destes é lenta e gradual.

O prestígio social da pessoa que realiza um ato qualquer provoca uma imitação na criança. Em termos práticos, isto significa que as atitudes dos pais são dotadas de eficácia simbólica perante seu filho, que tenderá a imitá-la. Esse processo, obviamente, ocorre de forma mais contundente em crianças menores. (DAÓLIO, 2006, p.77)

Assim o autor explica que tanto para a menina quanto para o menino, que contrariam ou mostram-se diferentes do que a cultura de uma sociedade espera deles acabam sendo marginalizados.

Mas isso não significa que os hábitos e valores são engessados e não podem ser mudados, mas é fundamental que haja conhecimento e reflexões para que algo comece a sofrer mudanças.

Na escola a intervenção docente, por exemplo, é uma maneira de se começar a promover essa mudança.

Altmann (1998) conclui que a postura docente diante dos acontecimentos pode aumentar ou minimizar as diferenças entre meninos e meninas:

A postura docente é uma referência que define como meninos e meninas agem e se relacionam entre si. Ademais, eles e elas nem sempre reagem da mesma forma a intervenção docente, e um exemplo reside no fato de que meninos desobedecem mais as normas escolares e a solicitações docentes do que as meninas. (p.101)

No entanto, no contexto estudado a professora não parecia ser sensível às questões de gênero, isto pode ser visto no “jogo do silêncio” entre meninos e meninas, começado e incentivado por ela. Ou ainda na situação em que a professora, ao ver todas as crianças em pé, pede para que uma menina sentar-se e não um menino:

14h45min a professora mostra o relógio que há na parede da sala, diz que a hora do parque está chegando e pede para que guardem os brinquedos sem barulho, as crianças recolhem os brinquedos fazendo bastante barulho, 2 meninos deslizam por debaixo da mesa uma menina vê e vai também. A professora pede para os que já guardaram os brinquedos esperarem sentados: “Milene fica sentada!”, embora haja muitas crianças que já guardaram os brinquedos de pé, a professora pede para uma menina sentar e ela senta, aos poucos as crianças vão sentando, 2 meninas estão sentadas no chão, a professora diz “senta direitinho!”, ou seja, na cadeira. (Diário de campo 14/09/2006).

Se de fato a atitude docente, como demonstrou Altmann, influencia a atitude de meninos e meninas dentro do espaço escolar, podemos dizer que a sensibilidade docente quanto as questões de gênero é importante para que esta intervenha de outra forma em sua prática pedagógica.

4.5 O corpo e a escola

A perspectiva de análise deste trabalho, e mesmo sua proposta inicial, buscou trazer um olhar sobre o corpo da criança que não fosse pautado nas ciências biológicas. Mesmo porque se esta foi, durante muito tempo, a ciência na qual a educação física se pautou. De alguns anos para cá outras propostas de educação física vem surgindo, baseadas nas ciências humanas.

Trago aqui este ponto por ele ter sido identificado na fala da professora das crianças e coordenadora pedagógica do CEMEI. Quando perguntei a ambas se a presença do professor de educação física no ensino infantil seria necessária, ou se o professor generalista estava apto a trabalhar esta disciplina com as crianças, obtive as seguintes respostas:

Prof^o: mais nem sempre é assim né, a gente faz um pouco de tudo, mas a gente não se especializa, fica assim faz um pouco disso, um pouco daquilo, e tem gente que não gosta, tem pessoas que não tem aptidão para aquilo, então tendo o profissional, eu acho que seria assim super legal, muito valido para as crianças, para eles aproveitarem o tempo, sabe...é desenvolver o que precisa, porque, por exemplo, a gente vai fazer uma atividade, vai que uma criança dá algum problema, sei lá...agora vocês não, vocês já sabem: vou fazer isso, pra desenvolver isso, isso e aquilo, vou fazer isso pra trabalhar esse músculo, então eu acho que é muito mais eficiente o trabalho de um profissional. (Entrevista com professora de sala 12/11/2006).

Coordenadora: eu acho que seria viável sim, porque aprofunda mais é...essa relação com as crianças... Eu acho que a professora de educação infantil, ela está dando conta de muita coisa, muita coisa...da inclusão, das artes, uma coisa que ainda não era vista aqui no Brasil, como a gente avançou muito! Em relação a esse currículo da educação infantil, eu acho que fica muito pesado ainda pra essas professoras tarem com essa área da educação física, que é uma coisa que a gente precisa estudar anatomia, a área fisiológica, para fazer um trabalho de qualidade, então eu acredito que, seja bem vindo sim esse profissional dentro das nossas escolas. (Entrevista com coordenadora pedagógica do CEMEI 19/11/2006)

Nas falas foram usadas palavras como anatomia, fisiologia, desenvolver os músculos entre outros. Não podemos culpá-las por estas falas, já que estas são as raízes históricas da educação física, mesmo no ambiente escolar. Talvez esta tenha sido a educação física que elas vivenciaram na escola.

No entanto, pensar o corpo na escola é ir além das aulas de educação física, como vimos, é pensar desde a construção do espaço físico, até a constituição das normas, que sem dúvida, mudaram ao longo dos anos, porém o controle do corpo sempre esteve presente.

Taborda (2006) apresenta um panorama histórico de como se deu a educação do corpo na escola brasileira. Sua análise é feita através de documentos de escolares paranaense do século XIX e XX. O autor coloca que os estudos históricos em educação sempre se preocuparam com os projetos e reformas educacionais, porém são escassos os trabalhos que abordam como de fato ocorriam as práticas escolares no interior cotidiano da escola. Este fato demonstra que há uma ênfase excessiva dos historiadores sobre a investigação de fatos morais e intelectuais.

De acordo com Taborda:

Até o século XVIII o corpo infantil era concebido secundariamente como potencialmente formativo, ao longo do século XIX e início do XX, opera-se uma verdadeira inflexão em direção ao corpo na sociedade em geral e, por conseguinte na escola em particular (p.10).

Mas o corpo na modernidade vai ganhar investimento a partir da constituição da lógica capitalista de sociedade, assim era preciso formar um novo homem para esta nova sociedade, e uma das instituições responsáveis por isto foi (ou continua sendo?) a escola.

Aqui vale lembrarmos Foucault na forma sobre como os investimentos sobre o corpo são essenciais para promover a “nova” sociedade industrial capitalista. Este autor coloca que, se na idade média a punição da “nossa” sociedade era a agressão ao corpo ⁷, a partir do século XIX isto passou a não ser condizente com a nova sociedade “civilizada”. Desta forma, o investimento sobre o corpo passou a se dar de forma mais sutil, na direção de se formarem, nas palavras de Foucault, corpos dóceis:

Houve durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais desta grande atenção dedicada então ao corpo- ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas as forças se multiplicam. (FOUCAULT, 2005, p.125).

⁷ Ver segunda parte : Punição em “Vigiar e punir”.

Este fato também é relatado por Taborda. Estudos documentais mostram que os castigos físicos começam a causar repulsa nas escolas brasileiras em meado do século XIX, mostrando que os investimentos sobre o corpo na escola também sofreram alterações:

(...) nessa direção a escola ocupa um lugar destacado ante aos novos desafios colocados pelas sociedades modernas, uma vez que se tratava de inculcar hábitos, valores, comportamentos e condutas que sinalizassem para o novo mundo – moderno, industrial, urbano e civilizado - que se consolidava. (2006,p.10).

Desta forma o autor sintetiza que, ao pensarmos o processo de escolarização na modernidade, vemos que os investimentos sobre o corpo na escola são fruto do próprio processo de organização social moderna.

Podemos dizer que, se a escola buscou mecanismos para dominar o corpo é porque a sociedade buscava isto, não dá para pensarmos um separado do outro.

Oliveira (2006) coloca a seguinte informação sobre a análise das práticas corporais na escola:

Ao analisarmos as práticas corporais na escola, percebemos um constante esforço de negação do corpo. Negação esta que se manifesta mediante um controle intenso sobre toda e qualquer ação, seja de professores, alunos e funcionários, alimentado por certa previsibilidade daquilo que ocorre, ou daquilo que pode ocorrer, em termos corporais, no interior da escola. Essa negação é fomentada por um poderoso código coercivo de punições, que é ensinado ao indivíduo logo que ele inicia sua vida estudantil (p.59).

Ao estabelecermos a ponte entre, como a escola tratava (ou continua tratando) o corpo com a forma que a sociedade como um todo vai “investir” no corpo do novo homem, percebemos que o controle deste para a composição de sua docilidade é o que vai prevalecer a partir do século XIX.

No entanto, essa não foi a primeira vez que o corpo sofreu investimentos, porém o que muda é a forma sutil que este controle do corpo vai ganhar a partir de diversos mecanismos:

A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalha-

lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga(...). Objeto em seguida do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças do que sobre os sinais. (FOUCAULT, 2005, p.126).

Este controle minucioso do corpo vai, de acordo com o autor, pouco a pouco regulando sua força impondo-lhes uma relação de docilidade, que será conseguida através de processos disciplinares.

Podemos perceber que para entendermos a maneira como o corpo é tratado na escola, precisamos entender como a sociedade também o trata. A escola não é um ambiente fechado, fora do contexto social, mas ela é parte integrante dele. Assim, se Foucault traz um panorama de como os investimentos sobre o corpo mudaram na modernidade, o mesmo pode ser encontrado na mudança que houve de investidas do corpo na escola.

5 O FIM OU COMEÇO?

Termino este trabalho voltando ao seu questionamento inicial: Como é tratado o corpo da criança na educação infantil?

Depois da imersão no universo, anotações no diário de campo e reflexões feitas sobre os “episódios” junto ao referencial teórico, trago, nesta parte final do trabalho, não repostas fixas, mas algumas questões a respeito do que foi discutido.

Primeiramente podemos pensar como a própria constituição espacial não leva em conta a realização de movimento das crianças. Como já foi relatado existe um padrão de estrutura espacial das CEMEI/EMEIS existentes, mas que espaço há para correr, pular, subir? Naquele CEMEI o espaço que permitia estes movimentos era o parque, mesmo assim ele era preenchido quase que totalmente por brinquedos, havendo pouco espaço livre. A sala de aula também era pequena, seu espaço continha armário, prateleiras, mesas, cadeiras, restando para as crianças apenas a possibilidade de brincarem sentadas em “seus” lugares.

A constituição do espaço já demonstra algumas impossibilidades de movimento, porém, isso pode ser amenizado com a atitude de quem os compõe. No entanto, parece estar enraizado na nossa sociedade que o movimento é prejudicial à aprendizagem da criança, e elas precisam aprender desde cedo a contê-los. Daí as imposições por esperarem sentadas, não correr, andar em filas.

O espaço entre o refeitório e as salas era tão pequeno que necessitava mesmo que as crianças andassem em filas? Se a fila estivesse torta faria diferença? Era preciso voltar e arrumar? Qual a necessidade disso?

Talvez a professora não pensasse no porquê de andar em fila, ela simplesmente fazia, porque esta era a maneira que todas as turmas transitavam pelo CEMEI. Porém ficou explícito o incômodo causado pelo fato das crianças correrem e fazerem barulho.

Em segundo lugar, havia um “esforço” da professora para normalizar as condutas corporais das crianças, inculcando desde cedo que lugar de “bagunça” (movimento e barulho) é no parque e não nos outros espaços. Se for ensinado desde cedo à criança que lugar de movimento é lá fora, é isso, talvez que ela levará para a escola, e principalmente para aula de

educação física. Se na educação infantil não deve haver disciplinarização dos conteúdos e da aprendizagem, por que deve haver separação entre corpo/movimento e mente? A prática cotidiana do CEMEI valorizava este dualismo que, há muito tempo, a educação física vem tentando “quebrar” dentro da escola, porém este deveria ser um trabalho de todos que compõe a escola, no entanto, o inverso era reforçado naquele contexto.

Naquele contexto, até mesmo a brincadeira foi usada como forma de controlar o corpo das crianças, além disso, todas tinham um caráter de pouco ou nenhum movimento.

Um terceiro ponto é que parecia haver um distanciamento entre a professora (e seu mundo de adulto) e o mundo das crianças. No “episódio do cavalinho”, a professora não se deu conta da vontade das crianças de brincar juntas. Que graça tem brincar sozinho em um cavalinho de balanço? Muitas vezes as crianças agiam da forma esperada quando estavam sendo vigiadas, neste dia enquanto a professora mantinha-se ocupada com outras obrigações, as crianças brincaram juntas e isso não causou nenhum problema.

Em relação às questões de gênero não parecia haver uma consciência por parte da professora em relação às atitudes dos meninos e meninas, pelo contrário seu comportamento intensificava isto, quando ela pede para uma menina sentar-se, enquanto todas as crianças estão de pé, mostra que a possibilidade de êxito da sua solicitação talvez fosse maior quando direcionada a uma menina. O clima de competição que ela coloca quando fala que vai ver quem fica mais quieto: meninos ou meninas e a empolgação de uma menina diante do fato de elas terem ganhado, de acordo com o resultado dado pela professora, mostram que não há uma reflexão da professora sobre a consequência dos seus atos sobre as crianças, aumentando ainda mais as fronteiras de gênero no dia-a-dia das crianças.

Por fim nota-se que quando fala-se de educação física para outros profissionais da escola vem a imagem da fisiologia, anatomia, conhecimento dos músculos e com isso espera-se este tipo de atuação no ensino infantil. Talvez por não haver estes profissionais atuando no ensino infantil é que não há conhecimento sobre nossa função neste nível de ensino.

Diante do exposto foi ressaltado que o corpo/movimento é visto como sinônimo de indisciplina pelas professoras e demais personagens da educação infantil. Por este motivo tenta-se a todo instante conter as ações do corpo da criança, e essas são, de certa forma, ao longo do tempo, incorporadas pelas crianças, que aprendem como comportar-se corporalmente em cada espaço.

De acordo com Foucault e o observado em campo, podemos pensar que, o que somos e fazemos não está definido previamente, assim é possível problematizar nossa constituição como sujeitos. Porém, se inculcarmos nas crianças que o movimento atrapalha, talvez fique difícil quebrar à dicotomia corpo/mente existente na escola e por consequência (ou seria o inverso?) na sociedade como um todo.

Se assumirmos a perspectiva que as práticas escolares são produzidas, podemos afirmar que elas podem ser repensadas, reestruturadas, experimentando assim, outros modos de agir e pensar.

Fica aqui a problematização e reflexão sobre: O que estamos fazendo de “nossas” crianças e como estamos contribuindo para sua construção como indivíduos? Será que a presença do professor (a) de educação física no ensino infantil contribuiria para que essa relação com corpo fosse diferente? Qual será o olhar que este profissional tem da criança no contexto da educação infantil?

Bem, essa é uma outra história...

Referências

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física.** Dissertação de mestrado em educação. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

ANDRÉ, Marli.E.D. **A Tendências atuais da pesquisa na escola.** Caderno CEDES, vol.18 n.43, Campinas, 1997. *Disponível em:* <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 20 de janeiro 2007.

AYOUB, Eliana. **Reflexões sobre a educação física na educação infantil.** Revista Paulista de Educação Física, supl.4, p.53-60, 2001

CAMARGO, Ana M. **A sala de aula e cotidiano escolar.** In: CAMARGO, Ana. M. & MARIGUELA, Marcia. (org). **Cotidiano escolar, emergência e invenção.** Piracicaba: Jacintha, 2007.

CARVALHO, Marília. P. **Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas.** Rev. Estudos Feministas, v. 9, n. 2, p. 554-574, dez. 2001. *Disponível em:* <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8640.pdf>> Acesso em: 04 de dezembro 2006.

CARVALHO, Rodrigo S. de. **Educação Infantil: práticas escolares e disciplinamento dos corpos.** Anped reuniões GT- Educação de crianças de 0 a 6 anos, n. 07, 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT07-1946--Int.pdf>> Acesso em: 25 de março 2007.

DAÓLIO, Jocimar. **A construção cultural do corpo feminino, ou o risco de transformar meninas em “antas”.** In: DAÓLIO, Jocimar. Futebol educação física e cultura. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

DEBORTOLI, José A.O. **Infâncias na creche: Corpo e memória nas práticas e nos discursos da Educação Infantil – um estudo de caso em Belo Horizonte.** Rio de Janeiro, 2004. *Disponível em:* <www.puc-rio.br/biblioteca>. Acesso em: 03 de dezembro 2006

FONSECA, Cláudia. **Quando cada caso não é um caso: a pesquisa etnográfica e a educação.** Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: n.10, 1999. p. 58-78.

FOUCAULT, Michel **Microfísica do Poder.** 9 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 13 ed. Petrópolis: vozes, 2005.

FRAGA, Alex B. **Corpo identidade e bom-mocismo: Cotidiano de uma adolescência bem-comportada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GALLO, Silvio. **Acontecimento e resistência: educação menor no cotidiano da escola**. In: CAMARGO, Ana. M.; MARIGUELA, Marcia. (org). **Cotidiano escolar, emergência e invenção**. Piracicaba: Jacintha, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A produção cultural do corpo**. In: LOURO, Guacira. L. NECKEL, J. F.; GOELLNER, Silvana. V. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28-40.

KOHAN, Walter O. **A infância escolarizada dos modernos**. In: KOHAN, Walter. **Infância entre educação e filosofia**. Belo Horizonte: Autentica 2003.

OLIVEIRA, Luciana P. A. **Violência, corpo e escolarização: apontamentos a partir da teoria crítica de sociedade**. In: TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus A. **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006.

RICHTER, Ana Cristina. **Sobre a presença de uma pedagogia do corpo na educação da infância**. Educação de 0 a 6. n.7, 2005. *Disponível em:* < www.anped.org.br > . Acesso em: 13 de setembro 2006.

SAYÃO, Déborah T. **Corpo e movimento: alguns desafios para educação infantil**. Revista zero a seis, n. 5 - janeiro/julho de 2002. *Disponível em:* <<http://www.ced.ufsc.br/~zeroseis/5completo1.html>>. Acesso em: 19 de fevereiro 2006.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99. Jul./ Dez., 1995.

SOARES, Carmem L. **Práticas corporais: invenção de pedagogias**. In: **Práticas corporais: Gênese de um movimento investigativo em Educação Física**. v.1. Nauemblu, Ciência & Arte, 2005.

SOUSA, Eustáquia.; ALTMANN, Helena. **Meninos e Meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar**. Caderno CEDES, n . 48, agosto, 1999.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola**. Cadernos CEDES, n.53, abril, 2001.

TABORDA DE OLVEIRA, Marcus A. (org). **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

WELLAUSEN, Saly. S. **Os dispositivos de poder e o corpo em Vigiar e Punir**. Revista aulas: Dossiê Foucault, n.3, dez/ mar., 2006 - 2007. *Disponível em:* <<http://www.unicamp.br/~aulas/>>. Acesso em: 28 de maio 2007.

APÊNDICE

APENDICE I: Diário de Campo.

Depois dos acertos, finalmente estava no CEMEI para começar efetivamente minhas observações. Ao chegar encontrei o portão aberto, entrei, cumprimentei algumas funcionárias que estavam logo na entrada e perguntei pela coordenadora pedagógica, elas disseram que estava ao telefone, que podia sentar e esperar, foi o que fiz. O CEMEI estava em silêncio, pois este era o horário em que as turmas de período integral estavam dormindo, algumas funcionárias passavam pelo local e perguntavam se eu estava esperando alguém.

Já estava perto das 13 horas quando a coordenadora pedagógica viu que eu estava lá, algumas professoras estavam com ela, ao me ver disse para esperar um pouco.

O combinado na semana anterior é que eu iria ficar um tempo em cada sala, fiquei sentada esperando as professoras para conversar com elas. A coordenadora ao ver uma professora, que depois fiquei conhecendo melhor, disse: *“eu vou colocar ela na sua sala, é uma sala boa”*. Naquele momento percebi que o combinado não iria se realizar, a professora se dirigiu até mim, me apresentei, assim como ela e fomos em direção ao portão onde as crianças entravam. No curto trajeto fiquei imaginando o que seria uma “sala boa” na concepção da coordenadora, certamente seria uma sala mais “comportada”, silenciosa, assim como aquela professora que acabara de conhecer, que me parecia muito calma e tranqüila.

13h00min A professora Maria⁸ e eu ficamos em frente ao portão por onde as crianças entram, este permanece fechado e só é aberto as 13:00 pelo guarda, as crianças ficam do lado de fora, esperando com seus pais. Ao abrir o portão as crianças formaram duas filas, uma de menino e outra de menina no lado de dentro do CEMEI, a professora as levou até a sala, elas guardaram suas mochilas do lado de fora da sala no corredor, onde ficam penduradas, sentaram e permaneceram sentadas enquanto a professora ainda não estava na sala. Fiquei impressionada com o silêncio das crianças, pois imaginava um ambiente mais “barulhento” com correria, pelo menos nos instantes que a professora não estivesse por perto, por um instante pensei que o silêncio fosse em virtude da minha presença, já que era um adulto na sala junto com elas, porém com o passar dos dias percebi que este estado era presente na maior parte do tempo.

Quando chegou, a professora me apresentou às crianças, disse à elas que eu seria a estagiária e iria ficar na sala alguns dias, de fato as crianças em poucos dias me chamavam de tia e me pediam permissão para lavar as mãos, brincar etc. Sentei em uma cadeirinha perto da porta da sala, desta forma a professora deu início a aula.

A professora Maria havia combinado com as crianças que hoje seria o dia da pipa, pediu que elas trouxessem de casa, como só havia duas pipas ela sugeriu que os meninos fizessem capuxeta⁹ e ensinassem as meninas a fazer também. No entanto ela diz que a sala será usada pela coordenação, por isso vão ter que ir para outro lugar, as crianças saem e sentam do

⁸ Para fins éticos serão usados nomes fictícios para todas as pessoas citadas neste trabalho.

⁹ Um tipo de pipa feito apenas com papel dobrado e linha.

lado de fora da sala, em frente ao parquinho. Logo a professora pede para irem no gramado em frente do CEMEI, as crianças levantam e vão em fila sem que a professora peça.

As crianças fazem capuxeta com a ajuda da professora, ela ajuda a amarrar os barbantes. Três crianças não fazem atividade, ficam balançando, um menino chega e começa a balançar junto com elas.

13h30min: hora do lanche, as crianças deixam as capuxetas com a professora e vão em fila para o refeitório, lá as 2 turmas (peixinho e livro) juntam-se para lanche. As crianças sentam-se nas mesas que possuem 4 cadeiras cada, e esperam o comando da professora para pegarem o lanche. O mesmo clima de silêncio invade o refeitório, apesar de ser um ambiente bastante colorido, com as paredes enfeitadas pelos desenhos das crianças, o lugar parecia triste e sem vida devido a imobilidade e silêncio das crianças, neste momento elas permaneciam sentadas, só levantavam quando queriam repetir, as professoras permaneciam em pé observando-as.

13h45min: termina a hora do lanche, as crianças formam fila para sair do refeitório, algumas meninas começam a se abraçar, a professora pede para formarem par de mãos dadas para irem para a praça de esportes que fica ao lado do CEMEI.

Ao chegarem à praça, as meninas saem correndo com a capuxeta, os meninos ficam com as duas pipas. A professora se encarrega de arrumar as capuxetas quebradas, enquanto as crianças brincam livres. Algumas tiram os sapatos para correr, porém duas meninas ficam de bota de salto alto.

Depois de um tempo algumas crianças param de brincar, a professora pede para brincarem mais um pouco, mas as meninas permanecem sentadas, enquanto os meninos voltam a brincar. Raquel, que parece ser a mais nova da turma, permanece sentada o tempo todo, não participa das brincadeiras, as crianças vêem que ela fez xixi na calça, elas contam para a professora que não diz nada, a menina fica sentada até a hora de ir embora.

14h30min A professora chama-os para voltar para a creche (é como ela se refere ao CEMEI o tempo todo), as crianças em pares dão as mãos para voltarem. No caminho de volta a professora pára e pergunta as crianças como que a pipa que caiu em cima da árvore poderia ser tirada. Um menino sugere jogar uma pedra com uma linha amarrada, a professora e ele tentam tirar, o restante da turma não olha para eles. Algumas meninas se abraçam, mas quando a professora as vê *pede para elas sossegarem*. Algumas crianças começam a subir de cavalinho e a professora pede para pararem com isso. Depois de 10 minutos a professora e o menino não conseguem tirar a pipa, eles desistem e as crianças voltam para a creche.

Ao chegar à sala a professora pede para as crianças pegarem os cadernos, elas sentam para fazer o calendário. Uma criança diz à professora que a hora do parque está chegando, apontando para o relógio na parede da sala.

15h00min A professora fala para as crianças irem ao parque, elas saem correndo e gritando “*ehehehe...*”. As crianças brincam livres no parque, as duas turmas se juntam nesta hora e ao contrario dos outros espaços, este parece ser um lugar de muita euforia, as crianças correm, pulam, gritam, sobem nos brinquedos, nas arvores, o momento é tão dinâmico que fica difícil acompanhar com os olhos todas as crianças, a principio parecia que todas brincavam em todos os lugares do parque, mas com o tempo percebi que não era bem assim, de fato meninos e meninas brincavam em todos os brinquedos do parque, porém não ao mesmo tempo, salvo algumas exceções.

Uma menina cai do gira-gira e a professora pede para rodarem mais devagar, eram basicamente estes os momentos de intervenção das professoras, quando uma criança caía ou

quando uma criança vinha reclamar de outra, o que percebi ao longo das observações ser muito freqüente.

A professora Maria conversa com uma monitora que diz que prefere ficar no berçário porque lá as crianças não correm, isto mostrou o incomodo que a hora do parque proporcionava, já que neste momento elas ficavam correndo.

A professora Marta da outra sala chama as meninas para passarem esmalte. No tanque de areia alguns meninos jogam futebol, algumas meninas se aproximam mais os meninos não as deixam jogar.

Depois de um tempo a maioria dos meninos que estava jogando futebol, pára de jogar, 3 meninas passam a brincar com a bola junto com 2 meninos no tanque de areia.

16h00min: Termina o horário do parque, as crianças formam fila para lavar as mãos e irem para o refeitório. Das 16h00min as 16h30min é o horário da janta, neste horário alguns pais já vão buscar as crianças, outras esperam até as 17h00min.

Como era terça-feira ficou acertado que eu começaria na próxima semana, para que pudesse acompanhar a rotina desde o início da semana.

Segunda-feira: 04/09, 2º Dia de observação...

No segundo dia ao chegar no CEMEI vejo três ônibus estacionados em frente, ao entrar a professora me informa que é dia de excursão e convida para ir junto, diz que não há nenhum problema. Diz que as crianças visitarão a EMBRAPA, resolvi ir, pois seria uma oportunidade de observar todas as salas juntas, pois todos os grupamentos iriam para a excursão.

13h00min as crianças entram na sala em fila, sentam se nos lugares, a professora distribui os crachás, as crianças conversam umas com as outras, algumas pegam os carrinhos de brinquedo que estão na prateleira. A professora pede para irem ao banheiro e depois lanchar, as crianças saem em fila até o refeitório. Lá as crianças conversam mais do que no primeiro dia de visita, o que considerei normal, já que hoje era um dia especial. Um menino levanta-se da mesa do refeitório para bater no outro, a professora diz à turma que não é para levantar. Aos poucos elas vão sendo liberadas para pegar o lanche. Algumas crianças batem na mesa, fazendo barulho, a professora diz que se não pararem elas não vão para o passeio. Depois do lanche as crianças formam fila para ir ao ônibus, elas se empurram e cutucam no caminho.

No ônibus estão a turma que observo e a turma do G II (2 e 3 anos) com a monitora¹⁰, as crianças se mexem, levantam e sentam no banco do ônibus, a professora pede para ficarem sentados até chegar no local diz a elas “*não era isso que tínhamos combinado*”.

As crianças colocam as pernas viradas para o corredor e olham pela janela da frente do ônibus, elas falam sobre as coisas que vêem pelo caminho: passarela, aeroporto etc, as menores ficam de pé para olharem pela janela. As crianças conversam bastante, porém a sala do GII fica quieta e sentada de acordo com a ordem da monitora. Uma criança do GII levanta e olha pela janela, a monitora imediatamente pede para sentar direito.

A viagem segue e a professora e monitora ficam sentadas olhando se as crianças levantam. A mesma criança tenta olhar pela janela novamente, mas a monitora insiste que permaneça sentada, a criança olha para ela e diz: “*mais tia nunca chega!*”.

¹⁰ Pessoa que cuida das crianças do GI e GII, não precisa ter curso superior, porém esta em especial cursava o 3º ano de pedagogia na Universidade Estadual de Campinas.

O ônibus chega ao local da visita, a professora pede para formarem fila para saírem, elas saem andando em fila, uma criança começa a correr, a professora fala em tom mais alto que *“é para andar”*.

As crianças assistem ao teatro e depois vão conhecer a horta, neste intervalo elas saem correndo e vão para o parquinho. Ficam lá por 5 minutos, depois em fila, voltam para o ônibus para irem à horta.

Durante passeio na horta há uma preocupação das professoras em manterem os alunos na fila, a sala do GIII de período integral parece não ficar quieta como pede a professora Mônica, o que gera muita gritaria por parte desta. Algumas crianças saem da fila constantemente para pularem em cima de folhas secas, a professora grita para elas voltarem na fila.

No fim do passeio a horta, as crianças sentam em um quiosque para lanchar, em nenhum momento as professoras sentam com elas. Depois do lanche as crianças pulam, correm pelo local, exceto a sala observada, a qual a professora diz *“não pode pular tem que esperar sentados”*.

Na volta da excursão, as crianças conversam mais do que na ida, a monitora insiste que suas crianças fiquem sentadas direito, ou seja, olhando para frente.

A professora Maria olha para algumas crianças que estão ajoelhadas no banco e diz *“nós combinamos de ficar de que jeito?”*. Vanessa olha para mim e diz a Iara: *“a tia ta olhando, é pra ficar sentada”*. Fala como se eu fizesse parte das “tias” que estavam observando-as.

Terça-feira: 05/09, 3º Dia de observação...

Neste dia decidi esperar a abertura do portão do lado de fora, junto com as crianças, a fim de observar de outro ângulo este momento. Os pais formam uma espécie de fila, só que menos alinhada e organizada, junto com as crianças, alguns meninos sobem em um pé de amora que há em frente ao CEMEI, porém a maioria das crianças permanece quieta em silêncio, assim como seus pais.

As crianças se empurram no momento em que o guarda abre o portão para entrar, elas brigam para ser o primeiro da fila, formam-se 2 filas (menino e menina). Ao entrar na sala as crianças guardam as mochilas e sentam-se em círculo para conversar sobre o passeio do dia anterior.

Um menino fala sobre o que mais gostou apertando a mão do colega ao lado, a professora fala em tom mais alto *“é hora de falar, não pode ficar brincando com o colega”*, algumas falam que o que mais gostaram do passeio foi o parquinho, fiquei impressionada que diante de tantas coisas novas que viram elas relatam que gostaram do parquinho, algo tão comum no seu dia-a-dia no CEMEI.

A professora explica às crianças que para passear é preciso obedecer às regras, ou seja, não por a cabeça para fora e ficar sentado no banco do ônibus durante a viagem.

13h25min é hora do lanche: as crianças formam fila para pegar o sabonete e lavar as mãos, depois de lavar as mãos formam 2 filas (menino e menina). Enquanto esperam as crianças do GII saírem do refeitório, a professora sugere que cantem uma música, elas cantam e se abraçam no final. Na ida ao refeitório, algumas correm, a professora diz *“eu já disse que não pode correr”*.

No refeitório, as crianças da outra sala começam a fazer “miau” e balançar o corpo de um lado para o outro, a professora Marta olha para elas e diz *“aqui não é lugar de bagunça! Deixa isso para o parque”*. Durante o lanche as professoras permanecem em pé, observando as crianças.

Terminado o lanche a professora leva as crianças para escovar os dentes no banheiro que fica dentro do refeitório, os meninos sobem em uma peça do gira-gira que está no local, logo a professora pede para eles sentarem no chão e esperarem as meninas escovarem os dentes, eles rolam no chão e brincam de cavalinho.

Depois de escovar os dentes as crianças formam fila para voltar à sala, lá as crianças sentam em seus lugares para fazer o calendário do dia.

Depois a professora propõe três atividades: brincar, desenhar e fazer bilboquê (com material alternativo), as crianças ficam livres para escolherem o que querem fazer, tudo ocorre dentro da sala. Alguns meninos começam a brincar de “lutinha”, a professora diz que não gosta dessa brincadeira e pede para pararem.

As meninas e um menino fazem o bilboquê com a ajuda da professora, depois as crianças brincam com ele.

A professora fala para as crianças que faltam 15 minutos para o parque, pede que guardem os brinquedos, elas começam a guardar e em poucos minutos terminam. A professora propõe a brincadeira do *morto-vivo*, rapidamente as crianças levantam-se e vão para perto dela, a mesma pede para que as crianças encoste no armário, ela arruma as crianças e começa a brincadeira: *Morto!* as crianças abaixam, *Vivo!* Elas levantam, as crianças são tiradas pela professora da brincadeira a medida que erram. As crianças que saem ficam sentadas olhando, no final a professora pede palma para a criança vencedora.

A professora repete a brincadeira da mesma forma, as mesmas crianças ficam até o final, algumas crianças que já erraram, continuam participando do lado de fora da roda, atrás da professora.

15h00min hora do parque as crianças continuam a brincar de morto-vivo no parque, quem erra sai e aos poucos as crianças desistem da brincadeira e vão para os brinquedos do parque.

Alguns meninos brincam de carrinho em uma “pista” desenhada no chão, no tanque de areia alguns meninos fazem estrelinha.

O momento do parque é utilizado pela professora para escrever bilhetes nos cadernos das crianças, o espaço do parque fica dividido com os meninos (apenas uma menina) brincando de carrinho e as meninas no gira-gira.

15h50min os meninos brincam de rolar pneus enquanto as meninas brincam no tanque de areia. A professora pede para os meninos guardarem os carrinhos, eles guardam e vão para os brinquedos do parque. Em seguida termina o horário do parque, a professora chama as crianças para lavar as mãos. As meninas são as primeiras em terminar de lavar e formar a fila.

As crianças vão para o refeitório, em uma mesa, 4 meninos de uma mesa mostram o bíceps para a professora e ela diz que eles estão fortes.

Quarta-feira: 13/09, 4º dia de observação...

Ao chegar fui direto ao portão pelo qual as crianças entram, desta vez fiquei observando do lado de dentro, junto com a professora.

As crianças formam fila de menino e menina assim que o portão se abre, a professora dá a mão para os 2 primeiros da fila e as crianças, em fila, entram na sala. Chega uma criança nova e a professora pede que entre na fila também.

Na sala, depois que as crianças guardam a mochila, a professora pede para as crianças sentarem-se, 2 meninos pegam brinquedo que está na prateleira da sala. A P diz a eles que “*o combinado não é pegar brinquedo logo na entrada, antes tem que conversar e fazer o calendário*”.

As crianças permanecem sentadas, respondem as perguntas que a professora faz sobre o calendário. Alguns meninos pegam bonecos e brincam sentados em seus lugares, enquanto o resto da sala faz o calendário do dia, mas logo que a professora os vê pede para guardar, diz que é hora de fazer o calendário.

A professora distribui os calendários que as crianças fizeram ao longo dos meses, um menino continua brincando com o boneco.

Logo vários meninos também pegam brinquedos e brincam sentados em seus lugares, enquanto as meninas e 3 meninos fazem o calendário, a professora pede para conversarem mais baixo. Depois de um tempo os meninos começam a levantar e brincar fora de seus lugares, mas agora a professora recolhe os calendários e pede para as meninas pegarem um brinquedo também, diz que só faltam 5 minutos para o lanche, neste instante duas meninas levantam-se de mãos dadas e começam a dançar.

13h30min o ajudante do dia (cada dia é uma criança conforme uma lista pré-definida) distribui o sabonete para as crianças lavarem as mãos, feito isto elas formam fila.

Hoje percebi que há uma ordem diária para formar fila, pois os 4 primeiros da fila sentam-se na primeira mesa do refeitório, lá as crianças são “liberadas” para pegar comida pela ordem das mesas, a primeira mesa pega comida antes e assim sucessivamente.

No refeitório algumas crianças se movem na cadeira escorregando e voltando, a professora Marta (da outra turma) grita “*o que é isso?*” as crianças param.

14h00min termina o horário do lanche, as crianças formam fila na saída do refeitório, a professora pede para que em ordem peguem a escova para escovar os dentes. Conforme as crianças terminam de escovar a professora pede que esperem sentados, porém na T.V que há no refeitório passa um vídeo com música e fotos do CEMEI, as crianças levantam-se e começam a dançar, ao ver, a professora pede para assistirem sentados, elas sentam, mas logo ela pede para formarem fila para entrarem na sala.

Lá ela distribui alguns chapeuzinhos de aniversário, pede para as crianças que ganharam irem para fora, em uma mesa que foi colocada em frente a sala. As outras crianças ficam sentadas brincando dentro da sala, mas sem fazer barulho, enquanto outra parte da turma pinta o chapeuzinho. Uma professora de outra sala pergunta para a Maria o que ela faz para deixar as crianças sentadas, pois ela não consegue o mesmo, ela diz: “*deixo elas pegarem brinquedo e converso bastante com a sala para combinar tudo*”. Mas a outra responde que as crianças da sala dela não ficam sentadas como as dela: “*elas pegam fogo enquanto as outras fazem atividade*”, diz em tom de desabafo.

Alguns meninos dentro da sala começam a brincar de “lutinha” a professora diz que não pode “*lembra do combinado?*”, diz ela. Os 2 meninos que estavam lutando pegam 2 bonecos e começam a brincar de lutinha com eles. Uma menina pergunta a professora se pode pular corda, ela diz que só na hora do parque.

No “cantinho da pintura”, assim que as crianças terminam de pintar o chapeuzinho elas saem e dão lugar para as outras, voltando para a sala.

14h30min ainda falta meia hora para o parque, mas as crianças já começam a levantar e andar de um lado para o outro, a professora parece começar a perder o controle sobre os corpos sentados e quietos das crianças, porém ela insiste que as crianças brinquem sentadas no chão ou na cadeira. Mas logo as crianças voltam a levantar-se, algumas até saem da sala e a professora vai busca-las, e esse “jogo” continua até o momento em que a professora pede para guardarem os brinquedos, pois isto indica que a hora do parque está próxima.

15h00min a professora pede para saírem devagar para o parque, lá alguns meninos brincam de rolar pneus, outros brincam de lulinha no tanque de areia, este momento é muito dinâmico e as crianças alternam-se nos brinquedos e mudam de brincadeiras constantemente.

As crianças em conjunto, pegam o gira-gira que está quebrado e levam para o tanque de areia, a professora Marta ao ver vai até lá, manda saírem e fecha o tanque. Algumas crianças brincam de pega-pega, correm por todo o CEMEI.

15h40min as meninas pegam a corda grande para brincar, 2 meninas batem as outras formam fila para pular, pulam até errarem, algumas só conseguem dar um pulo, erram e saem, ora ou outra uma criança pede para a fila ser arrumada.

16h00min as crianças são chamadas, lavam as mãos e formam fila para ir jantar, neste momento não há uma preocupação excessiva por parte das professoras com a fila, neste horário no CEMEI muitos pais já estão lá para pegar seus filhos, o trânsito de pessoas é grande.

Quinta-feira: 14/09, 5º dia de observação...

13h00min, as crianças entram em fila e silêncio, coloca as mochilas nos lugares e sentam-se, a professora distribui o calendário para as crianças. Elas permanecem sentadas em silêncio, fazem o calendário, a medida que vão terminando elas pegam brinquedos para brincar, 4 meninos brincam de carrinho no chão, enquanto todas as meninas fazem o calendário.

O espaço livre da sala é pequeno, pois os objetos ocupam quase todos os espaços, sobram apenas 2 corredores livres, os 4 meninos brincam nestes corredores.

13h30min a professora pede para guardarem os brinquedos, pois é hora do lanche. As crianças formam fila para pegarem sabonete e lavarem as mãos. As meninas lavam as mãos e sentam no chão para esperar a professora que ainda está na sala, logo os meninos sentam também.

Quando chega ela diz que enquanto esperam vai cantar uma música, ela canta e faz gestos com as mãos, às crianças olham sentadas, depois cantam também, mas sem gesticular. A professora pede para ficarem em pé para cantarem uma música que elas já sabem, elas cantam em tom alto, fazem gestos. Aos poucos elas vão sendo conduzidas pela professora até o refeitório, fazem o pequeno trajeto sem prestar muita atenção nele, já que estão cantando.

No refeitório, alguns meninos ao ouvirem a música de um filme que passa na TV do refeitório, começam a dançar em pé, Raquel, a criança mais nova da turma, que normalmente não participa das atividades com os colegas, ao vê-los começa a dançar sentada no lugar, as outras crianças conversam mais do que de costume, neste momento as professoras estão organizando as crianças para pegar comida, portanto não dão conta deste acontecimento.

Após meia hora de lanche, a professora dá as mãos para 2 crianças, imediatamente as outras levantam e formam fila para irem escovar os dentes.

A professora pede para os meninos irem escovar os dentes sem barulho, pois há uma sala assistindo filme no refeitório, depois dos meninos, as meninas são liberadas.

As crianças que acabam de escovar os dentes e vão direto para a sala, pegam brinquedos e brincam espalhadas pela sala. Quando a professora chega, pede para que todos se sentem, elas sentam e continuam brincando.

Alguns meninos jogam peão, em cima da mesa, um menino deita embaixo da mesa e começa a deslizar pelo chão. A professora começa a bater palma para chamar as crianças, mas elas não olham, ela pede para os que estão em pé sentarem, porque ela irá mostrar “uma coisa” a eles, as crianças sentam em seus lugares.

A professora mostra legume para as crianças e pede que elas façam o animal que imaginarem com os legumes. Há uma ordem para pegar o legume: a professora escolhe uma criança, está pega o legumes que quiser, em seguida escolhe uma criança e assim por diante, até que todas sejam escolhidas.

Depois que todas as crianças já escolheram o legume, a professora pede para as que não querem fazer o animal, sentem no canto da sala para brincar, todas as meninas fazem a atividade, alguns meninos brincam de peão no chão, outros brincam de lego.

Depois de 20 minutos, só as meninas fazem a atividade proposta pela professora, exceto algumas que fazem desenho no papel ou na lousa, enquanto isso os meninos brincam de peão e lego.

14h45min a professora mostra o relógio que há na parede da sala, diz que a hora do parque está chegando e pede para que guardem os brinquedos sem barulho, as crianças recolhem os brinquedos fazendo bastante barulho, dois meninos deslizam por debaixo da mesa uma menina vê a vai também. A professora pede para os que já guardaram os brinquedos esperarem sentados: *“Milene fica sentada!”*, embora haja muitas crianças que já guardaram os brinquedos de pé, a professora pede para uma menina sentar e ela senta, aos poucos as crianças vão sentando, 2 meninas estão sentadas no chão, a professora diz *“senta direitinho!”*, ou seja na cadeira.

Diante da dinamicidade do momento, muitas crianças andando de um lado para o outro, a professora começa a bater palma, as crianças começam a bater também e ficam em silêncio, está foi a maneira que os fez parar.

A professora diz a elas que irá fazer a brincadeira do lençol: pede que todos olhem quem está na sala, em seguida pede que levantem e façam um círculo. Diz que uma criança ficará lá fora, ela irá cobrir alguém com o lençol e quem estiver lá fora terá que adivinhar quem está no lençol. A brincadeira repete 2 vezes, depois a professora diz que já é 15:00 e elas podem ir para o parque.

No parque três meninos brincam de corda, a professora Marta ao vê-los diz *“cuidado com essa corda!”*, como se os meninos com corda representasse alguma “ameaça”, outros meninos brincam de peão.

Algumas meninas brincam no tanque de areia, uma menina se aproxima dos meninos e começa a pular corda também, logo mais duas meninas se aproximam.

As crianças que estão com a corda começam a brincar de “cabo de guerra”, a professora Marta imediatamente aproxima-se e pede para pararem, elas param, mas logo, quando a Marta não está mais olhando, voltam a brincar, quando a professora os vê diz que irão se machucar.

15h35min no tanque de areia algumas crianças brincam de fazer estrelinha. As crianças que estão com a corda brincam de enrolar no tronco da árvore, a professora insiste que brinquem de pular corda senão vão se machucar. Os meninos desistem da corda e só as meninas brincam de pular corda.

16h00min a professora começa a bater palma e as crianças param de brincar para lavar as mãos, em seguida formam fila para irem para o refeitório.

Sexta-feira: 15/09, 6º dia de observação...

O portão é aberto as 13:00 horas, as crianças entram e vão ao encontro da professora que está próxima do portão, formam duas filas, a professora caminha até a porta da sala e para em frente, as crianças param também, a professora diz que elas podem entrar.

Este é o dia que as crianças levam brinquedos para a escola, elas tiram os brinquedos da bolsa e as guardam do lado de fora da sala, algumas meninas trouxeram batom e passam uma nas outras. A professora conversa com as crianças, elas permanecem sentadas em silêncio.

A professora distribui o calendário, como de costume, as crianças começam a apitar com apitos que trouxeram, mas a professora diz que não é hora de brincar.

Alguns meninos pegam brinquedos e brincam em seus lugares, enquanto outras crianças fazem o calendário. Depois de um tempo a professora recolhe os calendários, os meninos já estão brincando com bonequinhos, carrinho e peão, as meninas não estavam com brinquedos, ficam sentadas olhando para os meninos, mesmo não estando com o calendário para fazer elas não pegam os brinquedos, depois de um tempo algumas se animam em pegar brinquedo e começam a brincar junto com os meninos.

13h30min a professora pede para recolherem os brinquedos, as crianças guardam e formam fila para pegar sabonete, mesmo sem a presença da professora as crianças enxugam as mãos e formam fila. Quando a professora chega ao local elas ficam, bem próximas dela, ela diz que está calor por isso não quer que ninguém fique perto dela. Em fila a professora leva-os até o refeitório, as crianças do GII também estão lá.

As crianças do GII batem caneca na mesa, a monitora pede para parar, diz que não pode, quando uma criança sai da cadeira ela diz que não. O tempo todo, as crianças são arrumadas na cadeira para que sentem retas e de frente para a mesa, elas dizem “fulano senta direito”.

A professora Marta chama sua turma, elas saem correndo, algumas vão direto para a sala, mas ela pede para voltarem e formarem fila.

Em seguida a professora Maria pega na mão de 2 crianças, imediatamente todas levantam e formam fila, os meninos vão escovar os dentes, as meninas brincam com um cavalinho que está no refeitório. Depois, enquanto as meninas escovam, os meninos correm e escorrega pelo chão, neste momento a professora não está presente, porém, um menino vai até a professora contar o que os outros estão fazendo, a professora vai até o local e os mandam para a sala. Na sala, os meninos sentam em seus lugares e voltam a brincar com os bonecos, alguns brincam sentados no chão.

A professora traz para a sala o cavalinho que estava no refeitório, todas as crianças vão em direção a ele, que foi colocado do lado de fora, em frente a sala, a professora diz para entrarem para organizar quem irá brincar no cavalinho. Pede para todos sentarem, ela marca na lousa o nome das crianças, na ordem em que as crianças escolhem umas as outras, diz que sairá um de cada vez para brincar, seguindo a ordem da lousa.

As crianças que ficaram na sala olham a criança que está lá fora brincando sozinha no cavalinho. Duas meninas saem e a professora pede para entrarem, porque tem que seguir a ordem da lousa. Diz para ficarem brincando dentro da sala e quando a criança que estiver no cavalinho cansar de brincar, ela vem e chama o próximo.

14h10min ao perceber que o mesmo menino está no cavalinho, a professora o chama e fala para ir a próxima da lista que é a Iara. Logo ela chama Vanessa para brincar junto com ela no cavalinho, a professora, que está arrumando os cadernos e não vê as duas lá fora. Logo Vanessa chama Letícia para ir também.

Pouco tempo depois o controle imposto pela professora começa a não dar certo, as crianças começam a sair para fora da sala correndo e voltar, as três meninas que estão no cavalinho começam a cantar e pular, logo todas as meninas, vão para o cavalinho, os meninos brincam de carrinho.

14h25min um menino pergunta para a professora se já chegou a hora do parque, ela diz que não, mas parece estar mais preocupada neste momento com os cadernos do que com as crianças, as meninas continuam do lado de fora brincando no cavalinho, 2 meninas vão pegar a corda, mas a professora diz não porque não é hora do parque.

14h30min a professora termina de arrumar os cadernos, ao ver as meninas lá fora, manda elas entrarem, ela tira as crianças do cavalinho e diz que tem que seguir a ordem da lousa, parece não ter percebido que muitas crianças já brincaram juntas no cavalinho.

As meninas pegam maquiagem para brincar, dois meninos vão para o cavalinho, a professora pede para sair porque é só um da cada vez, pede para que cada um espere a sua vez.

Logo as meninas saem sem que a professora veja, voltam para o cavalinho, mas logo ela os vê e pede para voltarem a sala, ela eleva o tom de voz e diz “*se saírem de novo, vou guardar o cavalinho, só pode ficar lá fora na hora do parque*”. Um menino pega a bola e começa a jogar, a professora diz para brincar de bola só na hora do parque.

Os minutos se passam e a “luta” da professora e as crianças continua, até que aquela professora grita com as crianças, fato que não havia presenciado até então: “*não é hora do parque para sair!*”

14h45min a professora pede para as crianças começarem a guardar os brinquedos e pararem de sair da sala. Uma menina que está no cavalinho, chama a outra para ir com ela, está responde “*a tia não deixa!*”.

14h55min a professora restabelece a ordem de brincar no cavalinho, não percebe que quase todas as crianças já brincaram e tenta saber que ordem que está a lista, pergunta para as crianças quem ainda não brincou.

Faltam apenas 5 minutos para o parque, mas a professora vendo que as crianças não param sentadas, diz que enquanto não chega a “hora do parque” vai fazer a brincadeira do *morto vivo*, pede para que todas fiquem em pé e as que não querem, fiquem sentadas. Começa a brincadeira: morto - todas abaixam, vivo- todas levantam, as crianças que erram vão saindo da brincadeira, porém algumas insistem em continuar, mas a professora pede que saiam. No final ela pede palmas para o menino que ganhou.

15h00min hora do parque: a professora dá a corda para as crianças, elas formam fila para pular, só as meninas brincam de pular corda. Os meninos estão rolando pneus e brincando pendurados nas argolas que há no parque.

Este momento parece ser de alegria para as crianças, é mais próximo da idéia que eu fazia de como seria o CEMEI, diferente de outros momentos que as crianças parecem quietas, sem imaginação e muitas vezes com olhar de tédio.

16h00min a professora começa a bater palma para chamar as crianças para jantar. As meninas formam fila e dão a mão para a professora para irem ao refeitório, os meninos vão correndo sem formarem fila.

Depois de uma semana de intervalo volto ao CEMEI...

Segunda-feira: 25/09, 7º dia de observação...

Inicia-se mais uma semana de observação, agora pareço estar mais familiarizada com o ambiente, quando chego às funcionárias me cumprimentam, já vou direto para a sala converso com a professora até o momento de ir para perto do portão onde as crianças entram. 13:00 o guarda abre o portão, as crianças formam duas filas, como de costume, de certa

forma, o horário da entrada não mudava muito de um dia para o outro, dava a impressão que eu observava dias iguais.

Depois de guardar as mochilas, as crianças permanecem sentadas em silêncio ouvindo a professora, que sempre inicia a aula com uma conversa com as elas que dura cerca de 10 minutos, ora ou outra duas crianças conversam e a professora chama atenção. Após a conversa a professora chama o ajudante do dia para distribuir os calendários.

13h20min as crianças conversam uma com as outras, algumas levantam dos seus lugares, as que terminam o calendário colocam em cima da mesa da professora, algumas voltam a sentar outras escrevem na lousa.

13h30min os meninos pegam brinquedos de montar e figurinha, as meninas conversam mas não pegam brinquedos. A professora anuncia que é hora do lanche, as crianças vão até o ajudante para pegar sabonete para lavar as mãos. Alguns meninos sobem de cavalinho nas costas do outro, mas a professora pede para entrarem na fila, as crianças vão em fila para o refeitório, pulando e conversando, a professora pede para não fazerem barulho.

Depois de 20 minutos de lanche, a professora dá a mão para duas crianças, imediatamente as outras se levantam e formam fila. Ela os leva até o local onde estão as mochilas, pede para as meninas sentarem enquanto os meninos escovam os dentes, elas esperam sentadas, depois a professora as “libera” para escovar também. Os meninos que já escovaram começam a correr e escorregar pelo chão, ao ver a professora pega na mão de dois meninos e o restante forma fila, ela os leva para a sala.

Lá a professora faz votação para escolher onde será a atividade, as crianças escolhem que seja fora da sala. Ela explica a atividade, os meninos mexem nos brinquedos e conversam, enquanto as meninas pegam papel para fazer a atividade.

A professora distribui os materiais, os meninos continuam brincando, a professora pede para guardarem os brinquedos e irem lá fora fazer a atividade.

As crianças chegam até a mesa lá fora e sentam-se para esperar a professora, quando ela chega pede para recortar e pintar de acordo com o combinado, a atividade é fácil, basta continuar o recorte da figura já iniciado pela professora. Dois meninos rapidamente terminam de recortar e pedem para a professora se eles podem ir balançar no parquinho, ela diz que quem terminar pode, eles imediatamente saem correndo. Conforme as crianças terminam, saem pulando e dizem “*já terminei agora vou para o parque*”, para aquelas que ainda não acabaram de recortar, como se a atividade que tinham feito fosse uma obrigação e o parque fosse a recompensa, entregam a tesoura para a professora e saem correndo.

14h25min a professora pede as crianças para voltarem a sala, elas voltam correndo, pegam brinquedos e sentam-se para brincarem. Os meninos brincam de lego enquanto as meninas desenham no papel.

14h45min as crianças fazem as mesmas atividades de quando entraram na sala. Um menino fala para a professora que o ponteiro do relógio já está no 10 (indica 14:50), a professora diz para começarem a guardar os brinquedos, alguns meninos reclamam, mas a professora os consola quando diz que logo é hora do parque.

As crianças se levantam e começam a guardar os brinquedos, duas meninas sobem de cavalinho nas costas, dois meninos começam a brincar de lutinha e a professora pede para parar. Quando as crianças terminam de guardar os brinquedos já é 15:00 hora, assim a professora “libera-os” para o parque, elas saem correndo.

Dois meninos que estavam no tanque de areia se aproximam de mim e perguntam se agora podem brincar de lutinha, sem que eu os responda começam a brincar, logo outros meninos se juntam para brincar também.

Logo algumas crianças começam a brincar de polícia-ladrão, uma menina diz que não vai brincar porque a tia não deixa, outra menina diz que é pega-pega gelo (embora a brincadeira realmente fosse polícia-ladrão), então ela começa a brincar.

A hora do parque é o momento em que as crianças rolam pelo chão, pulam, sobem em árvores e brinquedos, se abraçam e até se batem.

Quando a professora percebe a brincadeira de polícia-ladrão, pede para pararem. Três meninas que estavam na brincadeira passam a brincar de bobinho, uma sugere que brinquem de ovo-choco, elas começam a brincar. Aos poucos meninos e meninas se aproximam para brincar também. Mas logo a brincadeira é interrompida, a professora chama as crianças para jantar, elas formam fila e vão para o refeitório.

Terça-feira:26/09, 8 ° dia de observação...

Neste dia cheguei atrasada no CEMEI, pois perdi o ônibus, ao chegar fui direto para a sala e as crianças já estavam em fila para pegar sabonete para lavar as mãos, pois já era 13:30.

Conforme terminam de lavar as mãos, elas formam fila no local de sempre (perto da porta de entrada do refeitório), alguns meninos se empurram e a professora pede para ficarem mais calmos, em fila as crianças vão para o refeitório.

Após o lanche, que ocorre no mesmo silêncio de sempre, a professora pega na mão de duas crianças, imediatamente as outras levantam e formam fila, elas se empurram e a professora pede para todos sentarem de novo para que levantem e façam uma fila melhor. Elas sentam, levantam e formam fila em silêncio, vão até o local onde estão as mochilas e pegam a escova para escovar os dentes. A professora pede para as crianças que forem terminando ficarem sentadas. Os meninos se levantam e empurram-se enquanto a professora não está por perto, quando os vê ela pede que fiquem quietos. Mesmos sentados eles se empurram e/ou se abraçam, quando uma criança levanta sem que a professora veja, uma menina “denúncia”: “*tia fulano levantou*”.

A professora pega na mão de duas crianças e as outras seguem em direção a sala, lá ela distribui caixas de leite vazia para as crianças fazerem brinquedos. Dois meninos pegam brinquedo de montar. Em uma mesa ficam as crianças que se interessam em fazer a atividade, enquanto as outras brincam do que quiserem.

A professora aproveita o momento para colar recado nos cadernos das crianças, pede para falarem mais baixo, por alguns segundos elas ficam em silêncio, depois voltam a conversar.

14h30min a professora pede para guardarem os brinquedos, pois terça-feira é dia de ir para a praça de esportes. As crianças guardam o material, escorregam pelo chão, empurram as cadeiras, fazem mais barulho do que de costume.

Ao terminarem a professora pede para esperarem sentadas, algumas sentam outras permanecem em pé, a P diz que só as que estão sentadas vão “ganhar” parabéns, logo os outros sentam.

Enquanto esperam a hora de ir para a praça, a professora pede para as crianças relembrem uma música que vão apresentar no fim do ano, elas cantam e fazem os gestos de acordo com a musica, mas ficam sentadas em seus lugares, quando elas elevam o tom de voz a professora pede para gritarem menos. Sentadas elas tentam fazer os gestos da musica.

14h50min, a professora pede para levantarem devagar, elas levantam eufóricas, gritam e se empurram e a professora insiste para irem devagar.

Na ida para a praça de esportes um menino é empurrado, a professora ameaça levá-los de volta a sala, as crianças seguem em silêncio. Logo alguns meninos correm e pulam pelo caminho.

Ao chegar no local as crianças esperam sentadas a chegada da professora de educação física (PEF). Ao chegar ela pede que façam uma roda, muitas crianças saem correndo pela quadra, ela vai atrás das crianças.

A PEF explica (com dificuldade, pois as crianças interrompem a todo o momento) que dará corda e bola e elas estarão livres para fazer qualquer uma das duas atividades, as crianças começam a gritar e pular dizendo “bola, bola, bola!”, elas pegam a bola e saem correndo, todos os meninos brincam de bola.

As meninas ficam com a corda, Raquel não participa fica sentada ao lado da professora, a PEF insiste para ela brincar, as outras meninas dizem a PEF que ela não sabe pular.

Uma menina brinca de bola com os meninos, a PEF chama as crianças para conversar e diz que todas as crianças têm que brincar com as duas coisas, mas logo só os meninos continuam a brincar de futebol.

Passados 15 minutos de atividade, algumas meninas ficam sentadas, a PEF chega com a corda grande e as meninas dizem que querem pular, a PEF pede para organizarem uma fila, um menino que jogava futebol entra na fila para pular.

15h30min termina o horário da praça, em fila as crianças voltam ao CEMEI, algumas que estão mais no fim da fila, voltam pulando e de cavalinho, quando a professora olha para trás diz que vão se machucar, elas continuam sem dar atenção.

Ao chegar no CEMEI as crianças vão direto para o parque, a professora Marta diz a Maria que não vai para a praça porque está com preguiça de deslocar as crianças até lá só para ficar meia hora, há um tom de descaso em sua fala.

Alguns meninos continuam a brincar de futebol no tanque de areia, enquanto a maioria das meninas vão para o gira-gira. Alguns meninos brincam de rolar pneus no parque. No espaço do futebol, os meninos não deixam as meninas entrarem.

15h55min, a professora bate palma para chamar as crianças, elas vão correndo para o refeitório.

Quarta-feira: 27/09, 9º dia de observação...

O portão é aberto a 13:00 horas, as crianças entram, a professora e eu vamos ao encontro delas no lugar onde formam fila. A professora dá a mão para os dois primeiros e elas seguem em fila para a sala.

Hoje as mesas estão separadas, as crianças sentam se nas mesas que tem 4 cadeiras cada. Os meninos logo pegam brinquedos e leva para a mesa, uma menina pergunta: “tia você deixou pegar brinquedo?” e aponta para os meninos. A professora diz que não e pede para guardar.

A professora mostra para as crianças animais feitos de dobradura, as crianças ficam agitadas levantam para ver, a professora diz que é para ficarem sentados, olhar e passar para a mesa vizinha.

Logo ela pede para todos olharem para a lousa, ela explica que o ano que vem, quando chegarem na 1º série, elas terão que escrever em folhas com linha, por isso em outubro começarão a fazer isso para acostumarem.

Algumas crianças conversam e mexem na cadeira, a professora diz para que prestarem atenção.

Depois a professora chama o ajudante de sala para distribuir os calendários, as crianças andam de um lado para o outro, conversam bastante, alguns meninos devolvem o calendário e pegam brinquedos. A professora diz para ficarem sentados até a hora do café, diz: “*pode pegar brinquedos ou livrinho, mas tem que ficar sentados*”.

Alguns meninos se arrastam pelo chão, outros se levantam para pegar livros, as meninas permanecem sentadas conversando.

13h35min, a professora pede para guardar os livros e brinquedos, imediatamente as crianças levantam e formam fila para pegar sabonete para lavar as mãos. Quando terminam de lavar, ela pede para formarem fila.

A professora começa a cantar uma música enquanto esperam o momento de ir ao refeitório, enquanto canta ela vai ajustando as crianças na fila. Ao final da música as crianças devem abraçar um amigo e formar pares, feito isso a professora pede para soltar o par e ir para o refeitório.

A professora arruma a ordem que as crianças ocupam nas mesas, cada dia é uma turma que fica na frente.

Após o lanche a professora pega na mão de duas crianças, em seguida as outras levantam e formam fila, a professora libera as meninas para escovar os dentes, pede para os meninos esperarem sentados, porém muitos ficam correndo pelo espaço, ela diz que só vão escovar os dentes os meninos que estiverem sentados. Sem a presença da professora, os meninos correm pelo pequeno espaço em frente ao banheiro, quando ela os vê, pede para sentarem, os que não sentam ela pega pelo braço e coloca-os no lugar.

Depois que os meninos escovam os dentes, a professora pede para as crianças sentarem em círculo no chão do refeitório, eles vão relembrar músicas que aprenderam ao longo do ano, elas cantam sentadas. Mas logo a professora diz para as crianças pararem, pois a professora Marta vai dar bexiga para eles encherem, parece que atividade da música foi usada apenas como uma ocupação enquanto a outra professora não vinha. As crianças levantam e saem correndo, a professora pede para voltarem, pois tem que ir devagar.

Na área externa do CEMEI, as crianças sentam-se para receber doces para colocar dentro do bexigão (bexiga grande), pois na quinta-feira irão comemorar o aniversário de algumas crianças.

14h25min as crianças voltam para a sala, a professora diz que podem pegar brinquedos, desde que falem baixo, os meninos pegam brinquedo de montar. As meninas pegam lego, outras terminam o trabalho que começaram no dia anterior, algumas crianças andam pela sala, fazem mais barulho do que de costume.

As meninas pegam boneca e começam a bater uma na cabeça da outra, a professora ao ver pede para pararem e pergunta por que estão batendo: “*que brincadeira é essa? Como é o nome?*” as meninas olham para a ela e não respondem.

Já está perto das 15:00 horas, a professora pede para começarem a guardar os brinquedos, elas guardam fazendo muito barulho, a professora diz para as crianças que já guardaram sentarem, algumas meninas sentam-se. A professora diz que ainda faltam 5 minutos para saírem e pergunta se querem brincar de *dança da cadeira* ou *morto – vivo*, elas escolhem morto – vivo, elas se levantam e afastam as cadeiras para abrir espaço na sala, fazem muito barulho. A professora diz para ficarem quietos, senão não começará a brincadeira.

Ela inicia a brincadeira como de costume, três crianças não brincam, apenas olham sentadas, à medida que as crianças erram vão se sentar para esperar o final da brincadeira. A professora diz que repetirá a brincadeira, as crianças começam a gritar “*eheheheh*”, mas ao

ver a agitação das crianças ela diz que nunca mais fará está brincadeira, porque elas fazem muito barulho enquanto brincam, as crianças olham para ela em silêncio.

15h00min as crianças ficam eufóricas para terminar logo a brincadeira e irem para o parque. A professora diz que todos devem esperar para ver quem será o vencedor, quando a brincadeira termina saem correndo e gritando para o parque.

Um menino pega a bola e grita: “*vamu jogá bola*”, logo alguns meninos se aproximam para jogar futebol no tanque de areia.

Eu perguntei para a professora sobre a menina nova, pois nunca mais havia-a visto na aula, ela disse que os pais tiraram ela de lá porque o CEMEI valoriza o brincar como forma de aprender e não o letramento: “a mãe disse que ela iria ficar preguiçosa depois que entrasse na escola”. A professora também me disse que tem dificuldades de trabalhar na “linha” do brincar e preferia trabalhar com letramento porque as crianças não se motivam a brincar quando ela propõe.

15h50min termina o horário do parque, as crianças lavam as mãos e vão para o refeitório em fila.

Quinta-feira: 28/09, 10 ° dia de observação...

13h00min as crianças entram em fila e sentam-se, hoje é o dia da festa de aniversário que veio sendo preparada ao longo da semana, a professora inicia a aula, continua a ensinar as crianças como escrever. Ela escreve o nome dos aniversariantes na lousa e pede para as crianças contarem as letras, as crianças olham atentas a professora escrever.

Após quinze minutos de atividade a professora olha na lista quem é o ajudante do dia para este ajudá-la a distribuir os crachás e calendários. As crianças conversam bastante, a professora pede para ficarem em silêncio senão não conseguirão pensar e fazer o calendário, ela enfatiza: “*ontem eu fui embora com dor de cabeça de tanto que vocês falam*”, pede que fiquem no lugar.

Um pouco antes das 14:00 horas a professora pede para irem em fila para o local onde será feito o aniversário, durante o trajeto ela pede para não empurrarem uns aos outros. As crianças esperam, enquanto as professoras enfeitam o local, algumas vão para o balanço que há próximo. A professora Marta pede para fazerem fila para ela distribuir nariz de palhaço.

As crianças brincam livres pelo local, enquanto as professoras arrumam os enfeites. Hoje as crianças ficam mais livres, as professoras não dão ouvidos as reclamações, quando uma criança vai reclamar de outra, elas dizem que hoje é dia de festa.

As professoras levam cerca de uma hora para arrumar o local, enquanto isso as crianças permaneciam brincando, hoje como estavam muito ocupadas com os preparativos da festa não viam que os meninos brincavam de “lutinha”.

Uma semana de intervalo...

Segunda-feira: 09/10, 11 ° dia de observação...

Terceira semana de observação, minha presença já parece fazer parte do CEMEI, entro e transito dentro dele sem nenhum problema, algumas crianças do GII já me reconhecem e me cumprimentam quando entro. 13:00 horas a professora e eu vamos até o portão por onde as crianças entram. Ao entrar elas formam fila, a professora vai ao encontro delas, pega na mão de duas crianças e elas vão até a sala. As crianças guardam as mochilas e sentam em seus lugares. Alguns meninos pegam brinquedos, a professora retira-os das mãos deles para poder dar os recados. Depois a professora distribui os calendários, as crianças esperam sentadas e quietas.

As crianças fazem o calendário em silêncio, ora ou outra uma criança levanta para pegar lápis que está em outra mesa. Alguns meninos começam a pegar brinquedos, outros pegam livros, mas as meninas permanecem fazendo o calendário.

A professora pede para guardarem os calendários, pois precisam fazer cartazes, cada criança fica em seu lugar com uma cartolina, apesar do silêncio, poucas crianças respondem à pergunta da professora (*do que as crianças precisam?*).

13h30min hora do lanche: as crianças formam fila para pegar sabonete e lavar as mãos. A professora fica em pé no local onde elas sempre formam fila, alguma criança joga água uma nas outras, a professora, que está conversando, não vê. Ao ver ela chama a atenção e elas vão para a fila, um menino que vai para o refeitório fora da fila leva uma bronca.

Quando termina o lanche as crianças vão escovar os dentes, as meninas vão ao banheiro dos meninos, eles não as deixam entrar, a professora pede para fazerem silêncio.

Aos poucos as crianças voltam para a sala, ao chegarem a professora dá figuras de revista para recortarem, as crianças recortam e colam as figuras do jeito e no lugar que a professora pede a elas, um menino cola em outro lugar do cartaz, a professora retira a figura e pede que cole de novo no lugar que ela mandou, as crianças fazem a atividade em silêncio.

14h10min a professora recolhe os cartazes, pede para guardar os materiais e pegarem brinquedos, as crianças pegam brinquedos, enquanto alguns meninos desenham na lousa, duas meninas brincam de brinquedo de montar, as outras brincam com caixa registradora.

Alguns meninos brincam de carrinho no chão, ao ver uma menina diz: *“tia o João Vitor tá debaixo da mesa”* a professora olha e diz: *“João Vitor, pega brinquedo e vai brincar direito”*, ele se levanta e senta na cadeira. Um menino pega bola e a professora diz que só na hora do parque.

14h40min de acordo com os dias que estou observando, parece que esse é o horário em que as crianças ficam mais agitadas dentro da sala, alguns meninos brincam de correr, a professora grita, diz que dentro da sala não pode correr. A professora diz que depois contará histórias, mas para ouvir tem que ficar quietos e sentados.

14h45min a professora pede que guardem os brinquedos para ir ao refeitório ouvir histórias, poucas crianças ajudam a guardar, um menino pega bola e a professora pede que guarde, alguns meninos brincam de cavalinho e a professora diz que irão machucar a coluna.

Em um lugar fora da sala as crianças são colocadas sentadas para ouvir histórias, elas ficam quietas ouvindo, as professoras das três salas falam para as crianças escolherem as histórias que querem ouvir, elas se dividem de acordo com o interesse, acompanhei a professora Maria mesmo, ao chegar na sala as crianças organizam as cadeiras em círculo. As professoras se fantasiam para contar histórias, as crianças ouvem quietas e atentas.

As crianças ganham lanche diferente dos outros dias (refrigerante e salgadinho) ganham sacolinha surpresa também e são liberadas para o parque. Elas saem correndo, fazem bastante barulho, correm pelo parque, sobem nos brinquedos, pulam do balanço, as professoras só intervêm nas brincadeiras quando uma criança reclama de outra.

Um grupo de meninas brincam de fazer barro, um grupo de meninos brincam de lutinha, a professora Marta ao vê-los pede para parar, eles continuam brincando em outro local.

16h00min a professora bate palma para chamar as crianças para jantar, aos poucos elas vão lavar as mãos e vão para o refeitório.

Fui informada que no restante da semana não haveria aula, apenas atividades de comemoração ao dia da criança, que ocorreria no período da manhã.

Na semana seguinte fui ao CEMEI na segunda-feira, mas ao chegar fui informada que as crianças haviam tido aula no período da manhã, não souberam me informar o porque, nem se seria assim a semana toda. Na terça-feira encontrei a mesma situação, decidi voltar só na próxima semana, já que não sabia se haveria aula ou não.

Terça-feira: 24/10, 12º dia de observação...

Chego ao CEMEI e finalmente parece que as aulas voltaram ao normal, vou até a sala e a professora me informa que elas estavam dando aula no período da manhã porque à tarde tinham curso.

13h00min as crianças entram e formam fila no local de costume, a professora pega na mão dos dois primeiros da fila e levam até a sala. Lá as mesas estão dispostas em duas colunas, meninos e meninas sentam separados. Depois de muitos dias em casa, segundo a professora, pois as aulas estavam sendo de manhã e poucas crianças foram a escola, ela pergunta as crianças, que estão sentadas em seus lugares como foi o feriado: os meninos contam sobre a experiência de subir no pé de amora que há em frente o CEMEI, as meninas não falam nada.

As crianças permanecem sentadas ouvindo a professora falar sobre atividade que será arrumar o jardim, alguns meninos dão sugestão de como colocar garrafas para regar o jardim, nesse momento as meninas apenas olham em silêncio para os meninos que falam bastante. Logo após a professora chama o ajudante para entregar os calendários, as crianças fazem atividades sentadas, ora ou outra uma criança se levanta para pegar canetinha depois volta para seu lugar. Os meninos fazem o calendário e ao mesmo tempo mexem nos carrinhos que estão nas prateleiras.

13h30min a professora pede para o ajudante pegar o sabonete, logo as crianças levantam e formam fila, quando uma criança pula ou corre ela diz: “*cria modos senão você vai se machucar*”.

Em fila esperando para ir ao refeitório, a professora canta uma musica e ao mesmo tempo ela vai “arrumando” as crianças na fila, depois ela os leva ao refeitório, porém pede para as crianças que estão cantando fazerem menos barulho.

13h45min termina o horário do lanche: a professora dá a mão para duas crianças, imediatamente as outras levantam e formam fila, ela os leva para escovar os dentes. As meninas vão escovar primeiro e a professora pede que os meninos esperem sentados, porém eles correm e escorregam pelo chão do refeitório, a professora insiste que fiquem sentados.

Sentados os meninos pulam no banco, ao ver a professora diz “*fique sentado do jeito que eu pedi*”, mas os meninos não ficam quietos quando a professora não está olhando.

Depois de escovar os dentes a professora os leva até o jardim da escola, distribui vassouras para que as crianças limpem o espaço. Algumas ficam brincando e não participam da atividade, a maior parte que ajuda são meninos. Aos poucos o número de crianças envolvidas na atividade diminui, elas correm, pulam e gritam.

14h30min a professora chama as crianças para formarem fila e voltarem para sala, ela diz que é preciso se acalmar para irem a quadra, na sala as crianças sentam e ela entrega papel para desenhar, as crianças fazem bastante barulho mais permanecem sentadas.

Depois de 10 minutos a professora pede para as crianças guardarem os materiais para irem para quadra, pede para os que já guardaram esperarem sentados, muitos não sentam, mas ela diz que não vai sair enquanto não ficarem quietos, as crianças ficam quietas e a professora pede para formarem fila.

Na quadra a PEF pedem para irem até a quadra elas vão correndo, ela pede para formarem uma roda, ela explica a brincadeira e as crianças dizem que é “pega- pega” americano,

imediatamente elas começam a correr e brincar, em poucos minutos a brincadeira termina por conta do sol forte. A PEF leva as crianças para um gramado com sombra, pede para formarem duas filas, meninos e meninas se misturam. A PEF explica que será uma estafeta: passar a bola por cima da cabeça, quando chegar no ultimo este vai para o início da fila, até passar por todos.

Quando a brincadeira começa, muitas crianças pegam a bola e ficam olhando para a professora Maria, não fazem o que foi proposto, a professora tenta ajudá-los dizendo para cada um passar a bola para trás. A PEF explica a brincadeira novamente, faz-se a brincadeira pela 2º vez, a professora insiste organizá-los diz a cada uma das crianças o que tem que fazer, a fila que ela organiza vence a brincadeira e as outras crianças batem palmas.

A PEF sugere a brincadeira do “vivo-morto”, as crianças se organizam, quando elas erram saem, a PEF diz que mesmo quem erra não precisa sair, mas logo as crianças desistem de brincar, a PEF dá três bolas e as crianças se dividem em meninos e meninas, porém muitas ficam apenas correndo e subindo nos lugares.

15h30min termina o horário da praça: elas voltam de mãos dadas em fila, quando chegam ao CEMEI a professora pede para irem até o parque andando.

Como a área do CEMEI é cercada por tela a todo momento as crianças conversam e cumprimentam pessoas que passam pela rua, no horário próximo das 16:00 muitas pessoas entram livremente no CEMEI.

16h00min a professora chama as crianças para lavarem as mãos e jantar, as crianças vão para o refeitório sem fila.

Segunda-feira: 30/10, 13 º dia de observação...

13h05min, eu e a professora esperamos do lado de dentro do CEMEI a abertura do portão, as crianças esperam o portão abrir encostadas na tela, ao abrir elas correm até o local onde estamos e formam fila, a professora pega na mão dos dois primeiros e leva-os até a sala. As crianças guardam as mochilas e sentam nos lugares, permanecem sentadas enquanto a professora conversa com a professora Marta na porta da sala.

A professora distribui crachás, as crianças colocam em um mural que há na porta da sala, um menino briga com outro porque ele colocou seu crachá no lado das meninas.

A professora inicia a aula perguntando as crianças *qual a mão que elas mais usam para fazer as coisas*, pergunta para cada um qual é a mão direita e qual a esquerda, quando a criança erra, ela corrige. Depois a professora conta uma poesia que fala de quadrado e pede que elas desenhem sobre a poesia.

13h40min as crianças formam fila para lavar as mãos sem que a professora esteja presente, ao chegar ela os leva para o refeitório.

Ao terminar o lanche os meninos vão escovar os dentes, as meninas esperam sentadas como a professora pediu. As crianças voltam em fila para a sala, a professora diz que podem pegar brinquedo, ao perceber o barulho que as crianças estão fazendo ela diz: *“vamos fazer um concurso pra saber quem fala mais baixo: os meninos ou as meninas”* as crianças olham em silêncio e balançam a cabeça afirmando que sim.

As crianças permanecem sentadas, porém conversam bastante, a professora aproveita o momento para colar bilhetes nos cadernos das crianças, percebendo o barulho ela diz *“tá 1x0 para as meninas porque os meninos estão falando muito alto”*, o que causa um silêncio momentâneo, as meninas dizem *“ehehehehe”*. Maria Vanessa diz as colegas de sua mesa *“vamu fala baixo, senão não vamos ganhá”*.

14h50min as crianças guardam os brinquedos, quando todas estão sentadas a professora pergunta a elas quem elas acham que ganhou o concurso. Pergunta um por um e vai

contando os pontos, as meninas dizem que foram elas e os meninos dizem que foram eles. Sem nenhuma explicação a professora diz que as meninas ganharam, como já é 15:00 ela saem correndo e gritando para o parque.

Lá as crianças correm, balançam e escorregam, no tanque de areia alguns meninos brincam de lutinha, há uma menina lá dentro, mas não participa da brincadeira. No pega-pega meninos e meninas brincam juntos. As crianças se alternam nos espaços, hora brincam de empurrar pneus, policia-ladrão, hora brincam na areia e assim se constitui todo o momento do parque.

16h00min a professora chama as crianças para lavar as mãos e jantar, sem uma ordem aparente elas vão para o refeitório.

Quarta-feira: 01/11, 14 ° dia de observação...

13h00min as crianças formam fila no local de costume, entram na sala, guardam as mochilas e sentam em seus lugares. A professora distribui os calendários, pede para ajudante do dia pegar os materiais.

Enquanto a professora conversa com outra na porta da sala, as crianças ficam conversando, levantam de seus lugares, quando a professora volta elas permanecem sentadas e conversam em tom mais baixo de voz.

Percebo a conversa de Maria Vanessa que diz para Iara que vai colocar um piercing no umbigo e fazer uma tatuagem, Iara responde que vai colocar no nariz e sobrancelha.

13h40min as crianças permanecem em seus lugares fazendo o novo calendário de novembro, um menino pede para pegar brinquedo, a professora diz que não porque logo é hora do lanche.

As crianças formam fila para pegar sabonete e lavar as mãos, depois enquanto esperam em fila para irem ao refeitório, a professora canta a música do “ABC”, as crianças cantam junto enquanto caminham em fila até o refeitório.

14h00min a professora diz para as crianças irem para o parque, porque está tempo de chuva e talvez esteja chovendo na hora do parque, elas gritam “*heheheh nós vai pro parque*”, a alegria parece tomar conta das crianças, elas vão em fila até o parque depois saem correndo e pulando. Logo começa a chover e as crianças têm que voltar a sala, lá a professora pede para falarem baixo, elas pegam brinquedo e sentam no chão. Maria Vanessa diz a professora “*vumu fazer o concurso de quem fala mais baixo?*” a professora pergunta as crianças se elas querem e elas dizem que sim.

14h30min a chuva para e a professora diz as crianças para irem ao parque, elas saem correndo e gritando, poucos minutos depois a chuva recomeça, as crianças voltam para a sala.

15h10min as crianças andam pela sala, parece que fato de terem que ficar dentro da sala as fazem ficar inquietas, elas saem para o banheiro, outras olham a chuva pela janela, escorregam pelo chão, a professora parece desistir de manter a ordem, além disso, ela fica preenchendo algumas fichas e isso a mantém ocupada. Três meninas sobem em cima das cadeiras e começam a cantar funk, logo outras meninas fazem o mesmo, a professora ao ver pega a máquina fotográfica para tirar foto, aprovando o gesto das meninas.

15h25min a professora pede para ficarem em silêncio para ela falar sobre o “dia do esguicho”¹¹. Depois ela pede para guardarem os brinquedos, pois ela colocará o CD da xuxa para cantarem a música do ‘ABC’. Quando todas estão sentadas ela coloca a música, as

¹¹ Dia em que as crianças trazem roupa de banho para brincar na água.

crianças começam a cantar ela diz que é só para ouvir, quando ela coloca a música pela segunda vez diz que podem cantar, as crianças cantam sentadas, fazem gestos com as mãos e balançam o corpo.

A musica toca pela terceira vez e a professora diz que quem quiser pode ficar de pé e dançar, nenhuma criança levanta, uma menina começa a pular, mas ao ver quem ninguém mais levanta ela para.

15h50min a professora pede para formarem um circulo sentados no chão para brincar de batata quente, parece que aquele dia de chuva fez com que a professora arriscasse algumas atividades com as crianças. Começa a brincadeira da maneira tradicional, ou seja, quem fica com a batata no queimou saem da brincadeira, dois meninos brigam dizendo que não querem sair, a professora diz para os dois saírem.

A professora repete a brincadeira, uma confusão acontece na hora de decidir quem sai, algumas crianças saem sem problemas, outras resistem dizem que o outro é quem sai.

16h00min a professora termina a brincadeira, olha para mim e reclama porque as crianças não aceitam perder, diz que é hora de jantar e as crianças saem em fila.

(Não houve aula no restante da semana)

Segunda-feira:11/06, 14 ° dia de observação...

Penúltimo dia de observação, cheguei e fui direto falar com a professora, disse a ela se poderia entrevista-la no dia seguinte, ela disse que não teria nenhum problema, avisei também que seria o penúltimo dia de observação e ela responde que eu faça o que achar melhor.

13h00min as crianças formam fila no local de costume, em fila entram na sala. Hoje é “Dia do esguicho”, a professora coloca pequenas piscinas de plásticos para as crianças brincarem, apenas as crianças que a mãe autorizou podem brincar.

A professora dá as instruções, pede que as crianças se troquem depois do café, guardem o sapato na mochila.

Feito isso ela inicia a aula, distribui os crachás e pede para as crianças contarem quantas letras tem o nome; elas contam e colocam o crachá no mural, a professora diz que não é para colocar, elas pegam de volta e vão para seus lugares.

A professora pede que as crianças de número igual de letras se juntem, muitas não entendem e ficam nos seus lugares, conversam bastante. Ela organiza-os até eles se juntarem, depois pede para guarda os crachás.

13h30min as crianças vão lavar as mãos e formam fila, algumas não vão para a fila, ficam brincando nas piscinas vazias que estão do lado de fora da sala. As próprias crianças batem palma para chamá-las, a professora chega e pede para irem para fila.

Uma confusão começa quanto à ordem da fila, algumas crianças dizem que outras cortaram a fila. A professora pergunta qual era a ordem, sem resposta, ela coloca-os na posição e leva para o refeitório.

Quando termina o horário do lanche a professora leva as crianças em fila para escovar os dentes e trocarem-se conforme o combinado. As crianças dão risada ao se verem de sunga e biquíni.

As crianças vibram esperando a professora abrir a mangueira para encher a piscina, as que não trouxeram roupa de banho ficam olhando as outras.

A professora vai jogando água com a mangueira, para as que não podem, a professora dá a mangueira para elas molharem as outras.

As crianças gritam, pulam e vibram quando a água é jogada nelas, as crianças do GII que não vão para o parque ficam olhando.

Aos pouco as crianças que ficam com frio saem da piscina se enxugam, vestem-se e vão para o parque menor, pois no parque principal ainda estão as crianças do GII. Lá elas brincam livremente como sempre tem acontecido durante os dias que estou observando.

15h00min a professora chama as crianças para o parque grande. Elas correm pelo espaço, pois este parque é mais amplo do que o outro. Na armação do arco que sustenta o balanço (que esta quebrada) dois meninos penduram-se de cabeça para baixo.

Antes das crianças entrarem 13:00 a professora Maria dizia a Marta que as crianças só brincavam por brincar, sendo que elas já vão para a 1º série e se não fosse o pouco que ela tinha trabalhado com os calendários, elas não teriam tido nada “Eu faço, não sei se está correto mais faço.

Sempre que uma criança ou outra passa pela armação do balanço, arruma um jeito de virar cambalhota segurando-se nele. A argola só é privilegio das crianças mais velhas, as crianças mais novas, que são menores não alcançam. Raquel pede para ser erguida para ela poder pegar as argolas e balançar, mas elas não conseguem ergue-la, até que os meninos colocam pneus para ela subir e pegar as argolas, no local brincam meninos e meninas, mas estes não se misturam. No tanque de areia, os meninos jogam areia uns nos outros.

16h00min termina o horário do parque, as crianças lavam as mãos e formam fila para ir ao refeitório.

Terça-feira:12/11, 15 ° dia de observação...

Ultimo dia de observação, cheguei e fui direto para o portão por onde as crianças entram, a professora já estava lá.

13h00min as crianças entram na sala em fila, guardam as mochilas e sentam em seus lugares. A professora conversa com elas, algumas não olham parecem estar mais interessadas nos brinquedos, outras ficam conversando. A professora continua com a aula.

Os meninos não olham para a professora, pegam livros e ficam conversando uns com os outros, quando ela pergunta “*quem quer falar sobre o natal*” só as meninas levantam as mãos.

Depois os calendários são distribuídos e enquanto a professora ensina um menino a contar, as outras crianças brincam com lego, outras mexem nos cabelos da amiga. Ao ver o que acontece ela diz que não é hora de brincar, elas não param enquanto a professora não retira os brinquedos.

13h30min as crianças formam fila para pegar sabonete e lavar as mãos, ao terminarem de lavar elas formam fila no local de costume sem que a professora esteja presente.

As crianças vão para o refeitório fazendo muito barulho, a professora para a fila e diz “*desse jeito vocês voltarão pra sala, tá muito feio!*”.

Depois do lanche, enquanto as crianças esperavam alguns colegas acabarem de escovar os dentes, a professora propõe a brincadeira de estátua “*Vamus ver quem fica mais tempo sem se mexer?*” diz ela com um tom empolgante, conforme as crianças se mexem ela diz “*você tá fora!*” e a brincadeira dura até a ultima criança terminar de escovar os dentes, ao final as próprias crianças batem palma para o vencedor.

Na sala a professora divide em duas mesas as crianças que querem brincar e as que querem desenhar, na mesa de brincar ficam apenas os meninos.

14h30min as crianças levantam de seus lugares vão de uma mesa a outra e escorregam pelo chão, como vem sendo observado este parece ser mesmo o horário “crítico” em relação ao silêncio que a professora tanto cobra das crianças.

14h40min a professora pede para guardarem os objetos porque logo é hora de ir para a quadra, ela bate palma e todas as crianças olham e formam fila.

As crianças vão fazendo muito barulho pelo caminho, sobem em tudo que encontram a professora começa a cantar para acalmar as crianças, diz que se não pararem voltarão para a sala. Durante o curto trajeto de um quarteirão a professora para varias vezes para organizar a fila, diz para lembrarem o combinado que ela é a maquina e eles são os vagões, por isso não podem passar a frente dela.

Na quadra a PEF pede para formarem um círculo, ela passa alongamentos, faz movimentos e as crianças imitam, todas fazem a atividade proposta, inclusive a Raquel que nunca fez as atividades enquanto eu observei.

A PEF pede para formarem duas rodas, as crianças ouvem em silêncio a explicação da brincadeira. Realizam a brincadeira da forma como foi explicado. Depois ela sugere uma segunda brincadeira, algumas crianças sentam e dizem que não querem fazer, uma menina diz que não quer porque a equipe dela perdeu.

As crianças correm pelo espaço, a PEF as chama, mas muitas não vêm ao seu encontro, a professora bate palme e elas atendem.

A PEF distribui colchonetes e pede para formarem duplas, distribui uma bolinha por dupla para fazerem massagem uma nas outras. As crianças não prestam atenção e a massagem demora a começar, a PEF faz massagem em uma criança e pede para cada uma fazer na sua dupla. Durante a massagem as crianças dão risada, outras não se acalmam e olham o colega do lado.

15:30 termina o horário do parque, a massagem é interrompida, as crianças formam fila e voltam para o CEMEI, lá vão direto para o parque. A professora aproveita este momento para conversar comigo, na verdade para eu fazer a entrevista.

APENDICE II: Entrevista.

Professora de sala

Formação: Pedagogia

Anos que leciona: aposentada da rede estadual, no qual trabalhava de 1º a 4º série. Na prefeitura trabalha com educação infantil desde 2003.

Iniciei a entrevista explicando a ela que seria um diálogo, gostaria apenas que ela expressasse sua opinião a respeito de alguns pontos que eu iria colocar, assim iniciou-se a nossa conversa que estava sendo gravada para que eu não perdesse os detalhes de sua fala.

Perguntei há quanto tempo ela trabalhava na educação infantil e quais suas experiências como professora...

Profº: Eu trabalho na prefeitura com educação infantil de 2003 pra cá, mais antes eu trabalhava no estado dava aula de 1º a 4º série.

De acordo com sua resposta perguntei com qual etapa de ensino ela preferia trabalhar

Prof^o: eu gosto de crianças menores, quando eu trabalhava com 4^o série já não gostava muito dos maiores, preferia alfabetizar, trabalhar com os pequenos, na época eles iam direto pra escola, eu trabalhava em uma escola no São Marcos, então eu gostava de alfabetizar, a criança chegava assim...sem nada, aí a gente via o progresso..ela lendo, escrevendo, assim eu me realizava como professora alfabetizadora.

Depois iniciei o assunto sobre o fato do município de Campinas não possuir professor de educação física trabalhando na educação infantil e pedi que ela dessa sua opinião a respeito desse profissional atuar no ensino infantil

Prof^o: eu acho que seria muito bom! você vê o pouco que eles vão para a quadra, eles né, eu acho que seria importante eles terem esse espaço, geralmente as creches não são muito grande, mesmo as que são grande, eles não tem uma educação física, eles tem uma brincadeira, no parque tal, mas acho assim que algumas coisas orientadas eu acho que é legal, umas brincadeiras diferentes, eu acho que seria ideal que tivesse um profissional especializado

Insisti que falasse mais a respeito do termo atividade orientada...

Prof^o: eu acho assim que livre eles já fazem sempre né, o pouco que brincam em casa no quintal também, livre eles já tem, acho que algo mais orientado feito por profissionais como vocês seria muito válido.

Ao perceber que sua resposta não havia sido muito profunda insiste no assunto, mas perguntei de outra forma, disse que a “nossa” LDB ou mesmo alguns autores dizem que quem deve dar conta do trabalho corporal é o professor generalista e que estes deveriam ter condições através de cursos, tal para dar conta de tudo isso..(neste momento ela interrompe a fala)

Prof^o: mais nem sempre é assim né, a gente faz um pouco de tudo, mas a gente não se especializa, fica assim faz um pouco disso, um pouco daquilo, e tem gente que não gosta, tem pessoas que não tem aptidão para aquilo, então tendo o profissional, eu acho que seria assim super legal, muito valido para as crianças, para eles aproveitarem o tempo, sabe...é desenvolver o que precisa, porque, por exemplo, a gente vai fazer uma atividade, vai que uma criança dá algum problema, sei lá...agora vocês não, vocês já sabem: vou fazer isso, pra desenvolver isso, isso e aquilo, vou fazer isso pra trabalhar esse músculo, então eu acho que é muito mais eficiente o trabalho de um profissional.

Insiste com o assunto perguntando se causaria alguns “conflitos” a presença do professor especialista no ensino infantil...

Prof^o: não, na minha opinião eu gosto dessa parte de educação física, mas eu não tenho muita habilidade e a idade também não permite, já outras pessoas não gostam e tal, então se tivesse um professor especialista na coisa seria muito mais eficiente.

Perguntei então se a atual estrutura, na qual o professor generalista tem que dar conta de tudo, linguagem corporal, artes era complicada ou não

Prof^o: é muito difícil, é muita coisa né, pra gente que não tem tudo, a gente não é especialista. Fiz pedagogia tal, trabalhei muitos anos com alfabetização, mais assim as outras áreas, não tenho conhecimento, tenho conhecimento assim superficial, mas não especifico da coisa.

Iria perguntar algo sobre o curso e ale interrompe...

Prof^o: Como eu já fiz pedagogia faz muitos anos, acho que agora deve tá diferente, não sei, não tenho conhecimento disso, mas no tempo que eu fiz não tinha muita diversidade, a gente via assim coisas gerais, não conhecia aprendi muita coisa da teoria empirista, então eu tenho muito que aprender pra eu ficar na educação infantil, eu me esforço pra isso, sabe fiquei um tempo parada, sem trabalhar tal, mas eu acho que eu tenho procurado me atualizar, apesar que eu to muito defasada no tempo, nas coisas que aconteceram mais novas, nas teorias Vigotsky eu nem conhecia, fui saber agora a pouco tempo, Wallon também, então tô aprendendo.

Agora quando eu trabalhava no estado, eu lembro que já tinha essa parte, duas vezes por semana tinha especialista de educação física, que dava aula para as crianças menores, agora para os pequenos mais ainda né, acho que quanto menor a criança é preciso ter mais conhecimento, mais tem que aprofundar porque tá em desenvolvimento né...tem que ter pessoa especializada mesmo para trabalhar, senão a gente vai fazer o que? Vai dar uma moldurada só, precisa trabalhar tudo, mais aprofundado, sabe o que tá fazendo.

Falei sobre o projeto segundo tempo o qual as crianças participavam uma vez por semana, disse que pelo o observado este era o único momento que elas tinham esse tipo de atividade, porem não era algo seqüencial, relatei que as próprias professoras me falavam que sentiam dificuldades por ser uma vez por semana e com tempo muito curto (só 30 minutos). Perguntei se fosse alguém da escola, se ela achava que seria diferente, ter o professor da Emei, trabalhando de acordo com o projeto pedagógico...

Prof^o: eu acho que deveria ter no mínimo duas vezes por semana, num lugar...mesmo que fosse aqui dentro, depende do tamanho das creches e Emeis, mas senão num espaço assim...seria ideal, eu concordaria que tivesse sim e seria um benefício muito grande, você vê que nem hoje, as crianças estavam agitadas, parece que depois da massagem eles ficaram mais calmos...mais eu acho que vocês deveriam encaminhar um pedido pro prefeito, não sei a quem, nossa seria muito bom! pra trabalharem com um objetivo né! Sei lá nos bairros, acho que seria bem legal!

Coordenadora pedagógica

Formação: pedagogia trabalhou 20 anos com educação especial e desde 2003 trabalha como coordenadora.

Ela parecia estar com pressa e suas respostas eram muito sintéticas, pedi que falasse um pouco sobre o projeto pedagógico, já que eu não poderia te-lo em mãos

Coordenadora: então porque o nosso projeto pedagógico, ele tem aquele documento do MEC onde nossa creche respeita a criança, na realidade o brincar é a forma como a criança vai estar desenvolvendo né, através da imaginação, da sua parte corporal, a questão do letramento é uma consequência de tudo isso, a gente não realmente elenca como prioridade isso. Se a criança tem essa necessidade de estar sabendo seu nome, de ta tentando...é caracterizar mais essa questão de observação dos procedimentos do letramento aí tudo bem, a gente dá este acompanhamento, mas na realidade a gente trabalha com essa linguagem mesmo que são as artes,

a expressão corporal, a criatividade, a autonomia que é muito importante que a gente...os hábitos alimentares, enfim mais direcionado pra essas áreas mesmo.(atividades corporais)

Em seguida pedi sua opinião m relação ao fato de ter professores especialistas no caso de educação física, trabalhando nas EMEIs e CEMEIs

Coordenadora: eu acho que seria viável sim, porque aprofunda mais é...essa relação né, com as crianças. Eu acho que a professora de educação infantil, ela tá dando conta de muita coisa, muita coisa...da inclusão, das artes, uma coisa que ainda não era vista aqui no Brasil, como a gente avançou muito né, em relação a esse currículo da educação infantil, eu acho que fica muito pesado ainda pra essas professoras tarem com essa área da educação física, que é uma coisa que a gente precisa estudar anatomia, a área fisiológica, pra fazer um trabalho de qualidade, então eu acredito que, seja bem vindo sim esse profissional dentro das nossas escolas.

Perguntei sobre ao espaço físico, se ela acha propicio para desenvolver esse trabalho, um espaço maior... (coordenadora interrompe a fala)

Coordenadora: não na educação infantil se privilegia muito os espaços, bastante! Porque através destes espaços, dessa organização, que a criança, ela vai se identificando, ela vai... se atentando e até para as experiências delas mesmas. Então a gente tem que realmente privilegiar essa questão, no mobiliário que seja acessível pra ela, os cartazes que esteja numa altura que ela possa ta vendo, porque na realidade é uma escola pra crianças né!, e geralmente as pessoas não se atentam a isso, elas fazem a escola pro adulto, então tudo muito alto, agora nós começamos também a priorizar isto. A questão dos espaços também nas áreas externas, tanto que a escola, a Emei que não tem esse espaço privilegiado, que é uma casa adaptada, as professoras trazem pra quadra de esportes, que graças a Deus nós temos essa área aí, tão maravilhosa né! Então realmente a educação infantil tem que contemplar sim, inclusive agora eu fiquei sabendo que este ano foi lançado um documento do MEC chama parâmetros básicos nacionais de infraestrutura para educação infantil, lançou agora este ano privilegiando mesmo esses espaços, bebedouro, tudo na altura da criança.

Aproveitando que ela estava falando sobre os espaço perguntei se ela achava importante ter espaços mais amplos para que a criança possa se movimentar, correr...

Coordenadora: com certeza, porque na realidade é movimento dela né, a questão corporal, da autonomia, do direito dela ir e vir, e que seja um espaço que ela tenha segurança, pra ela não fugir né! Então a gente também precisa se atentar a isso, que acolha ela da melhor forma possível, porque ela ta saindo do meio familiar, e ta ficando com a gente das 7 á 6 da tarde né, que tem muitas crianças que estão em período integral.

Encerrei a entrevista, pois percebi que ela estava com muita pressa e a insistência na conversa não traria respostas consistentes.